

Francisco Martins
Rodrigues

ELEMENTOS
para a
HISTÓRIA DO
MOVIMENTO OPE-
RÁRIO PORTUGUÊS



Nº 7424

ELEMENTOS DE HISTORIA DO MOVIMENTO OPERARIO

PORTUGUÊS E DO PARTIDO COMUNISTA

Com o desenvolvimento do modo de produção capitalista em Portugal, surgiu e desenvolveu-se o proletariado, classe produtora que está reduzida a vender a sua força de trabalho como uma mercadoria. O proletariado é arrastado pela sua natureza de classe a tornar-se a força motriz da revolução socialista, derrubando a burguesia e exercendo a ditadura sobre ela, por meio do seu instrumento político, o Partido Comunista.

Os comunistas não podem pretender conduzir o proletariado à revolução e à conquista do poder se não conhecerem a sua história e a experiência por ele acumulada.

A história do movimento operário português pode dividir-se em seis períodos: (1) Formação do proletariado (1860-1910); (2) A experiência anarquista (1910-1926); (3) A resistência anti-fascista (1926-1940); (4) o movimento da guerra e o seu declínio (1940-1955); (5) A nova estrutura do proletariado e a degeneração reformista do Partido (1955-1966); (6) O ressurgimento da corrente comunista. Algumas lições do nosso movimento operário.

(1) FORMAÇÃO DO PROLETARIADO - (1860-1910)

1. Cerca de 1860, começa a desenhar-se, ao lado do artesanato tradicional, uma produção capitalista moderna. A partir de 1880, acentua-se o crescimento da burguesia industrial e surge uma classe operária nos sectores dos têxteis, conservas, vidros, tabacos e transportes. Até ao fim do século, continua a crescer o proletariado fabril, que contudo não passava a casa das dezenas de milhares e se resumia às duas zonas industriais de Lisboa e Porto, isoladas num país camponês atrasado e dependente do imperialismo estrangeiro. O proletariado português era muito mais fraco que o dos países capitalistas avançados.

2. A grande massa do proletariado, arrebanhada nos campos, vivia numa miséria e numa ignorância enormes, não tinha consciência dos seus interesses de classe, nem formas de defesa. Os patrões, como não encontravam uma resistência organizada, exploravam sem limites: jornadas de 12 a 14 horas, trabalho infantil, disciplina severa, castigos constantes, nenhuns cuidados com a segurança e a higiene. Nas "ilhas" e "pátios" operários grassava a tuberculose.

3. De forma espaçada e irregular, o proletariado começa a resistir à exploração capitalista. Como os sindicatos não eram autorizados, formam-se as associações de socorros mútuos, onde os operários aprendem a organizar-se; em Lisboa distingue-se a Sociedade Promotora dos Melhoramentos das Classes Laboriosas. Estas associações tinham um carácter não-político e eram muitas vezes tuteladas por elementos burgueses (o general Sousa Brandão); mas nelas o proletário começava a tomar consciência dos seus direitos.

4. Já desde 1860 se registavam greves, apesar de proibidas. Nos anos de 1871-72 deram-se greves de certa importância (a "Pavorosa") e há choques com a polícia. O motivo das greves era em geral a luta por maiores salários e contra os castigos. Começa a distinguir-se no proletariado de Lisboa os tipógrafos, os metalúrgicos, os portuários e os tabaqueiros pela sua combatividade. No Porto, o ambiente era de muito maior atraso e desorganização e raramente se davam greves.

Até ao fim do século o movimento grevista tende a crescer lentamente. Ao entrar no séc. XX, as greves eram já mais amplas e estendiam-se por vezes a ramos inteiros de indústria, mas dificilmente triunfavam: os operários não dispunham ainda de meios adequados de organização; além disso, os patrões respondiam à greve com o "lockout" (encerramento das fábricas) e a polícia intervinha com violência contra os grevistas.

Uma das maiores greves deste período é a dos operários de conservas de Setúbal e Algarve, em 1902-03 (?), contra a mecanização da indústria, que provocava despedimentos em massa; há manifestações e choques com a tropa, provocando mortos.

5. A acção de defesa económica faz surgir uma vanguarda do proletariado que compreende que a solução dos problemas da classe está na luta política. Em 1871, sob o efeito da agitação causada pela Comuna de Paris, o movimento operário dá um passo em frente: funda-se a associação "Fraternidade Operária" que começa a publicar o jornal "Pensamento Social" e que estabelece contacto com a AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores). A "Fraternidade Operária", que se manteve pouco tempo, era animada por elementos não-proletários, como José Fontana (empregado) e os intelectuais Antero, Oliveira Martins etc.; isto mostra, apesar dos progressos do movimento, a falta de independência política do proletariado.

6. As ideias políticas que então dominavam os operários avançados de Lisboa (no Porto, o movimento operário quase não existia) eram as ideias de Proudhon e Bakunine apesar de já ter passado meio século sobre a publicação do "Manifesto Comunista" (1848). O proletariado português, muito recente, meio camponês e em grande parte artesanal, não tinha ainda uma experiência que lhe permitisse assimilar a teoria marxista da revolução; tal como aconteceu na segunda metade do séc. XIX com a classe operária da Rússia, Itália, Sul da França e Espanha os operários portugueses não estavam ideologicamente amadurecidos para o marxismo e eram influenciados pelo anarquismo.

7. Depois de 1870, começa a debater-se a necessidade dum partido operário, mas a massa dos operários activistas, dominados pelo anarquismo, via com desconfiança qualquer intervenção organizada na política. O partido socialista, criado em 1875, não tinha uma base proletária, era um pequeno partido burguês de reformas, que acabou por se aproximar da monarquia e tornar-se reaccionário.

8. A medida que aumenta a propaganda republicana, surge uma forte corrente no proletariado avançado contra a formação dum partido operário pelo apoio ao partido republicano. Depois do Ultimato e das manifestações contra a Inglaterra e durante os 20 anos de luta pela República (19 -), os operários mais politizados enfileiraram no movimento republicano. O movimento operário legal (associações culturais, recreativas e de socorros mútuos, como a "Voz do Operário", do dos tabacos) é aproveitado para a propaganda da República. Muitos operários entram nas associações secretas (como a "Carbonária") e participam em atentados e assaltos contra o poder monárquico. Quando da ditadura de João Franco (1908), os trabalhadores participam em violentas manifestações, de que resultam mortos. Finalmente, no 5 de Outubro de 1910, os operários tomam as armas, ao lado dos marinheiros e soldados, seguindo os políticos republicanos. Um episódio bem conhecido é o dos trabalhadores armados guardarem os bancos durante a revolução, a fim de garantirem a nova ordem estabelecida pela burguesia.

9. Características deste período - O proletariado nasce e vai crescendo muito lentamente. No começo do séc. XX, as famílias operárias representam uns 8 a 10% da população. Grande parte do proletariado é de tipo artesanal, são raras as grandes fábricas.

Uma parte apreciável do proletariado de Lisboa começa a entrar na luta económica e a recorrer à greve com certa frequência. Contudo, a sua consciência política está ainda em embrião, e o proletariado é um apêndice da burguesia progressista, cuja direcção política aceita. O proletariado não atingiu ainda a maioria como classe.

(2) A EXPERIENCIA DO ANARQUISMO (1910-1926)

1. A República é a 2ª etapa da revolução burguesa em Portugal. A nova burguesia comercial industrial e colonialista que cresce desde 1880, entra em choque com a burguesia intermédia (importadores-exportadores, agentes do imperialismo inglês) e com a nobreza latifundiária que entravam a marcha do capitalismo.

Depois de tomar o poder do Estado a burguesia amolda as instituições à medida dos seus interesses. O regime de democracia burguesa que triunfa em 1910 é o mais adequado aos interesses do capitalismo numa fase de crescimento e de livre concorrência.

2. O proletariado tem uma grande evolução no período da democracia burguesa e perde as ilusões que tinham posto nos dirigentes republicanos. As promessas demagógicas de melhor nível de vida para os trabalhadores ("o bacalhau a pataco") não são cumpridas e o patronato não afrouxa a exploração. Quanto à "igualdade social" prometida pelos chefes republicanos, manifesta-se só em benefício da burguesia, que elimina os privilégios da nobreza e domina duramente a classe operária; apenas dois meses depois de 5 de Outubro já o governo republicano reprime uma greve em Lisboa por meio da polícia.

3. A grande conquista conseguida pelo movimento operário sob a República é o direito de criar os seus sindicatos. A partir de 1910, os diversos sectores operários começam a criar os seus sindicatos, num movimento que se estende a todo o país e em breve envolve dezenas de milhares de trabalhadores. A classe operária cresce, embora lentamente, desenvolviam-se as indústrias da cortiça, da alimentação, exploração mineira, transportes; no Sul, começa a formar-se um numeroso proletariado rural.

Com a fundação da UON (União Operária Nacional), em 1913, o movimento sindical activa-se. Realizam-se assembleias e congressos dos vários ramos da indústria e congressos sindicais (Torres Novas, Coimbra, Covilhã, etc.) onde é discutida a situação da classe operária e a táctica da luta económica. Os operários agrícolas criam também os seus sindicatos rurais. O proletariado ganha novos hábitos de organização e uma consciência nacional dos seus interesses económicos.

4. A burguesia republicana, que durante a propáganda contra a monarquia prometera o direito à greve, tentou depois negar essa conquista aos operários: o Congresso da República, reunido pela primeira vez em 1911, recusa-se por grande maioria a inscrever na Constituição o direito à greve (o Congresso tinha 2 ~~representantes~~ deputados operários num total de 220 deputados); em 1912 é publicada uma lei reconhecendo o direito à greve mas pondo-lhe grandes restrições (proibia a greve ao pessoal do Estado, e a qualquer outros trabalhadores, "no caso de afectar a economia nacional").

Mas o movimento operário, em ofensiva, obrigou a reconhecer o seu direito à greve. O movimento grevista atravessa uma fase brilhante e torna-se a principal forma de luta proletária contra a exploração, contribuindo para unir e educar o proletariado. As greves tornam-se regulares e chamam à luta grandes massas trabalhadoras que até aí tinham estado adormecidas, sobretudo no Norte. Destacam-se pela sua combatividade os corticeiros, marítimos, vidreiros, trabalhadores rurais. Apoiadas na organização sindical, as greves começam a registar uma percentagem apreciável de vitórias.

5. A greve geral de 1912 teve grande importância na união do proletariado. A greve iniciou-se entre os operários agrícolas do Alto Alentejo, que reclamavam maiores jornas. Reprimida pelas autoridades locais, ao serviço dos agrários, a greve alastrou-se a Évora (construção civil, empregados). A autoridade encerrou o sindicato de Évora e então a central sindical, em Lisboa, proclamou a greve geral de solidariedade; a greve não foi nacional, mas paralisou Lisboa e a Cutra Banda.

A polícia reagiu assaltando a Casa Sindical onde estavam reunidos centenas de grevistas e prendendo-os a bordo de navios de guerra. No Montijo, os operários, atacados pela polícia, matam o administrador do concelho. Em Almada, onde a tropa proclama o estado de sítio, os grevistas incendiam fábricas e assaltam quintas para arranjar comidas. Por fim, o governo recua, solta os operários presos e faz concessões. Esta greve vitoriosa teve grande influência no crescimento do movimento grevista nos anos seguintes.

6. A partir de 1916, com a entrada de Portugal na guerra mundial imperialista, para servir os interesses colonialistas da burguesia e o imperialismo inglês, a luta de classe do proletariado torna-se mais aguda e mais politizada. Os operários sindicalistas desenvolvem uma campanha de agitação contra a guerra, com comícios à porta dos quartéis, mostrando que os argumentos do governo acerca da "defesa da civilização" mascaravam os apetites imperialistas da burguesia.

Em 1917, o movimento operário é reforçado com a criação da CGT (Confederação Geral do Trabalho) que substitui a UON. A CGT era uma verdadeira direcção central dos sindicatos, que torna possível uma maior coordenação destes. O jornal da CGT "A Batalha" une e consciencializa dezenas de milhares de operários.

7. Entretanto, crescia a agitação política. Em Dezembro de 1917, é instaurada a ditadura de Sidónio Pais, contando com a neutralidade dos sindicatos, que se deixaram iludir com as promessas de abandonar a guerra imperialista e de estabilizar a situação económica. Quando Sidónio se define como um ditador fascista e começa a fazer prisões de milhares de trabalhadores, a CGT organiza uma campanha e decreta a greve geral sobre a palavra de ordem "Fora o Sidónio". A greve é desbaratada pela polícia mas um mês depois o ditador é morto a tiro num atentado (Dez. 1918). Em 1919, os trabalhadores pegam em armas para esmagar a revolta monárquica (escalada de Monção), vencendo a indecisão das autoridades.

Espalhava-se a ~~industrial~~ agitação e o entusiasmo causados pela grande revolução russa, que mostrava na prática a possibilidade de derrubar a burguesia e estabelecer um governo dos trabalhadores. Os sindicatos aprovam resoluções recusando-se a carregar material contra a Rússia Bolchevista.

Todos estes acontecimentos elevam a consciência do proletariado e chamam-no a intervir na luta política. Devido a isso, activa-se a luta de tendências no movimento operário.

8. As ideias que inspiravam os sindicatos, a CGT e todos os operários avançados, eram as ideias anarquistas. O socialismo-reformista ~~desacreditava~~ desacreditava-se já antes de 1910 com uma linha de colaboração com a burguesia. O marxismo continuou a ser ignorado até muito tarde.

A corrente anarco-sindicalista, que orientava a CGT, era própria dum proletariado jovem e inexperiente na luta de classe. Esta corrente acreditava no derrubamento da burguesia por meio da greve geral e de acções terroristas desorganizadas, e punha portanto a sua esperança no movimento sindical-grevista. Como desconhecia a necessidade dum ditadura do proletariado prolongada para a construção do socialismo, não compreendia a necessidade dum direcção política proletária centralizada, dum Estado-maior proletário (o Partido Comunista), resistia à disciplina de classe, não enquadrava as acções técnicas num plano estratégico para a conquista do poder.

Apesar da vitalidade da CGT, que chegou a agrupar mais de 100 mil trabalhadores cerca de 1922, o movimento era enfraquecido pela falta dum plataforma política clara, os dirigentes sindicais cediam à demagogia e punham os interesses económicos de cada sector profissional à frente dos interesses gerais da classe; desgastavam-se energias sem um plano de batalha preciso e os trabalhadores iam-se cansando.

9. Em 1921, é fundado em Lisboa o Partido Comunista. A revolução russa popularizara o nome de Lênine, mas continuava-se a conhecer muito pouco do marxismo: cir-

culava o "Manifesto Comunista" e algumas edições resumidas do "Capital" e pouco mais. Em 1920, criara-se a "Federação Maximalista", que teve curta duração.

Nos anos 1921-26 o novo partido luta para definir a sua linha e criar uma estrutura orgânica. O Partido tinha uma base operária restrita, em certos sectores de Lisboa, de Almada e do Alentejo; reunia também intelectuais e empregados; a sua base proletária era muito reduzida em face da CGT. em 1924 e 1926, o Partido realiza dois congressos que, contudo, não conseguem definir uma linha política geral e onde ~~são~~ se dão confusas lutas de pretígio entre diversos militantes. Publica-se com irregularidade o órgão do Partido, o "Proletário".

Com ajuda da Internacional, o Partido forma alguns quadros que iam estudar à União Soviética. Define também alguns princípios de tática comunista: em 1926, o 2º congresso lança um apelo para a unidade operária em face das ameaças fascistas (este apelo é rejeitado pelos anarquistas, que tinham tomado atitude violentamente sectária contra os comunistas, a quem acusavam de dividir o movimento operário); defende a necessidade de aproveitar o parlamento burgês para fazer ouvir aí a voz da classe operária; opõe-se ao terrorismo anarquista, mas a sua contribuição principal para o movimento operário é fazer ~~suicidal~~ compreender a necessidade da direcção política do Partido e duma rigorosa disciplina de classe frente ao inimigo.

Nesta primeira fase da vida do Partido faz-se sentir bastante a falta de quadros comunistas capazes; travam-se lutas pessoais e não há uma acção política diária, séria; O Partido desacredita-se em discussões de cafés. Carlos Rates (militante sindicalista bastante conhecido, que aderira ao Partido) é eleito secretário-geral, com o apoio dum delegado da Internacional, mas pouco tempo depois troca o Partido por um bom emprego. O Partido atravessa uma séria crise a partir de 1926.

10. Depois de 1919, a luta de classes continua a agudizar-se. O proletariado consegue em 1919 uma vitória com a lei das 8 horas de trabalho, mas a carestia e a especulação agravam as suas condições de vida. O movimento sindical continua a alargar-se ao lado dos sindicatos da CGT, surgem os sindicatos controlados pelos comunistas e filiados na ISV (Internacional Sindical Vermelha). O movimento das massas emprega muitos milhares de trabalhadores. O movimento grevista vai também em aumento: greve dos mineiros de Aljustrel durante 8 meses; greve dos ferroviários, que paralisam a rede nacional; greve dos ~~marítimos~~ marítimos; etc. Dão-se no Alentejo, em Lisboa e no Algarve grandes comícios e marchas da fome, com bandeiras pretas; o movimento estende-se ao Porto, com o grande comício de 20 mil trabalhadores no Monte Aventino. Com bastante frequência, trabalhadores armados assaltam estabelecimentos para arranjar comida. Em 1923, trabalhadores rurais da região de Odemira ocupam terras dos latifundiários; o governo reprime severamente o movimento e vários camponeses são deportados para África.

11. A burguesia começa a organizar-se melhor para lutar contra o movimento operário. Os patrões combinam-se para não ceder às greves e aplicam o "lockout"; em Lisboa forma-se uma associação "amarela" paga pelos industriais, para furar greves, aterrozizar os operários e provocar distúrbios (o chefe desta associação é apunhalado por um operário). Latifundiários e grandes comerciantes criam em 1925 um novo partido ultra-reacionário, a União dos Interesses Económicos. O chefe da União Liberal, Cunha Leal, pede no parlamento a pena de morte para os bombistas. O governo endurece a repressão contra o movimento operário. Em 1923 (?), como os ferroviários em greve ameaçassem sabotar as vias como protesto contra o facto de os comboios circularem conduzidos pela tropa, o governo manda atrelar vagões com grevistas na frente dos comboios.

Os actos terroristas amudam-se. Há atentados a tiro e à bomba contra grandes capitalistas, como Alfredo da Silva, da CUT. Surge a organização "Legião Vermelha" que pretendia opor o terrorismo operário ao terrorismo burguês. Mas a maior parte destes actos, sem uma direcção centralizada, não têm uma orientação política correcta e ainda agravam mais as dificuldades do movimento operário, como o lançamento duma bomba num cortejo comemorativo do dia de Camões, que mata várias pessoas.

Depois de uma malograda tentativa do governo por um partido radical bur-

guês, a "Esquerda Democrática", de J. Domingues dos Santos, em 1924, apoiando-se nos trabalhadores, os grupos da burguesia dominante começam a preparar activamente o golpe fascista.

12. Características deste período - É um dos períodos mais ricos de experiência para o movimento operário, sobretudo na actividade sindical e grevista, que traz à luta de classe centenas de milhares de trabalhadores. O proletariado aprende a organizar-se e a lutar unido pelas suas reivindicações económicas. Liberta-se também da tutela ideológica burguesa e compreende que é preciso intervir na luta política. Contudo, esta consciência de classe é ainda muito imperfeita devido às noções anarquistas predominantes. O Partido Comunista está ainda muito longe de se poder tornar o Estado-maior do proletariado. A confusão e a desmoralização alastram no proletariado, que não vê um objectivo preciso na sua luta nem uma direcção digna de confiança.

(3) A RESISTÊNCIA ANTI-FASCISTA (1926-1940)

1. A instauração da ditadura fascista em 1926 abre a terceira etapa da revolução burguesa em Portugal. A concentração da riqueza conseguida com a exploração colonial e com os negócios da guerra, a necessidade de reprimir o movimento operário que se tornava ameaçador, a situação financeira desastrosa, levam o núcleo mais poderoso da burguesia a remodelar de novo as instituições e a caminhar para o fascismo. A democracia burguesa, que desempenhara um papel positivo, estava ultrapassada e começava a ser um estorvo ao crescimento do capitalismo.

2. Devido à crise interna do movimento operário, não há praticamente resistência organizada contra a ditadura militar. Os chefes sindicalistas, com o seu habitual oportunismo, acreditavam que os militares pudessem melhorar a situação. O 2º Congresso do Partido Comunista, reunido precisamente em 28 de Maio, lança um apelo para a Frente única contra a ditadura, mas o Partido não tinha força para pôr esse apelo na prática. A massa proletária, cansada e confundida, não reage inicialmente à ditadura. Gomes da Costa faz o seu passeio militar de Braga a Lisboa sem a menor dificuldade.

Entretanto, menos de um ano depois, quando o carácter da ditadura se define, muitos operários da vanguarda de Lisboa tomam as armas em apoio dum golpe preparado por políticos republicanos: é o 7 de Fevereiro de 1927 de que resultam dezenas de mortos em combate ou fuzilados após ele, sobretudo operários, soldados e marinheiros. Nas forças reacçãoárias que esmagam a revolta destaca-se o tenente Botelho Moniz.

3. O movimento de massas reduz-se após a instauração da ditadura. Os sindicatos levam uma vida semi-clandestina; a CGT, incapaz de se adaptar à ilegalidade, esborçasse. Mas a corrente comunista, baseada no Partido, consegue reorganizar-se a partir de 1929, sob a direcção de Bento Golçalves.

Bento Golçalves, operário do Arsenal, de 27 anos (nasc. 1902), sindicalista entusiasta, visitara a URSS por ocasião do 10º aniversário da Revolução e voltara disposto a trabalhar pela reorganização do Partido que então estava desorganizado, sem imprensa, contando ao todo 30 militantes e 2 células. Por iniciativa de B. Golçalves, reúne-se uma Conferência que elege nova direcção e enceta um sério trabalho de ligação à classe operária (1929). Esta Conferência marca verdadeiramente o começo da actividade política e comunista em Portugal. O Partido estende-se a sua organização clandestina na região de Lisboa, Marinha Grande, Alentejo. Forma-se um Secretariado, composto de Bento Golçalves e José de Sousa, conhecido dirigente sindical. Joaquim Pires Braga Jorge, que participara no 7 de Fevereiro e sofrera dois anos de prisão em Angra, entra também para o Partido. Em 1931, começa a publicar-se o "Avante", novo órgão do Partido, que substitui o "Proletário".

4. Com a repressão fascista, a vanguarda proletária tende a ficar isolada das grandes massas, que se esquivavam à luta. Apesar disso os sindicatos mantinham-se (os de orientação comunista, controlados pela CIS-Comissão Inter Sindical, dirigida por José de Sousa); a CGT perdia forças pouco a pouco. O Partido começa a conduzir lutas de massas do proletariado, a ser reconhecido como o seu dirigente: greve do pessoal dos tra

portes marítimos (1930); greve dos vidreiros da Marinha Grande, que se torna um baluarte comunista; manifestações contra o desemprego em Lisboa, Almada, Algarve, comícios-relâmpago do 12 de Maio etc. As experiências da acção proletária neste período foram mais tarde analisadas no Tarrafal por Bento Golçalves.

5. Em Julho de 1932, Salazar que era ministro das Finanças, toma a chefia do governo. A ditadura toma novo impulso contra o movimento operário: "plebiscito" da nova Constituição (todas as abstenções foram tomadas como votos a favor), promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional (Set. 1933), criando os "Sindicatos nacionais", grêmios e corporações. O ETN estabelecia que os sindicatos livres seriam encerrados e que os seus bens reverteriam para os "Sindicatos nacionais". Era um golpe fortíssimo da burguesia contra as liberdades conquistadas em maio século de luta do movimento operário. A camada mais activa do proletariado mostrava-se disposta a resistir e a defender os sindicatos.

Perante a hesitação da direcção do Partido sobre o caminho a seguir, é decidido um apelo à greve, que certos sectores operários tendem a transformar numa acção armada. O movimento, desencadeado em 18 de Janeiro de 1934, é rapidamente sufocado pela repressão. Há esboços de greve e atentados à bomba em Coimbra, Lisboa, Silves; na Marinha Grande, os operários armados apossam-se da vila, elegem um soviete e hasteiam a bandeira vermelha, mas a vila é tomada de assalto por forças do exército; destacam-se no movimento da Marinha Grande, Manuel Esteves de Carvalho (morre um ano depois, tuberculoso); António Guerra, José Gregório e outros. São feitas muitas prisões.

6. A derrota do 18 de Janeiro não quebra a agitação da vanguarda operária, que continuava a procurar, de forma anárquica, o caminho da luta armada contra a ditadura, esgotando-se em revoltas locais.

O aparelho repressivo fascista vai-se estruturando. A nova polícia política, a PVDE, dirigida por Catela, começa a distinguir-se pelos espancamentos e torturas. O militante Manuel Vieira Tomé, um ferroviário é assassinado em 1934. Após o começo da guerra de Espanha, surge a Legião e a Mocidade, milícias fascistas; a polícia cria uma rede de bufarias nas fábricas, Salazar apoia a campanha militar de Franco, exaltando o fascismo e o nazismo.

7. Em 1935, durante um comício-relâmpago em Alcântara, o militante comunista Manuel dos Santos mata um polícia a tiro. (Manuel dos Santos passou 10 anos na Penitenciária, de onde se evadiu, para morrer pouco tempo depois tuberculoso).

Em Agosto de 1936, no ambiente de agitação causado pelo começo da guerra de Espanha, dá-se a revolta na Armada. Os marinheiros amotinam-se, prendem os oficiais e apossam-se de dois navios, mas são bombardeados ao tentar sair a barra e rendem-se. Esta revolta fora preparada pela CRA (Organização Revolucionária da Armada) e pelo seu jornal "Marinheiro Vermelho", de que circulavam centenas de exemplares. Na criação da CRA distinguiu-se Manuel Guedes, militante comunista. (Existia também a CRE, no Exército).

Ainda um reflexo desta corrente é o atentado contra Salazar organizado por um grupo de trabalhadores anarquistas.

8. A ilegalização dos sindicatos e o fracasso das acções armadas provocam uma aguda luta de tendências no movimento operário e no interior do Partido. Os elementos sindicalistas agrupados na CIS e dirigidos por José de Sousa lançam-se no movimento sindical clandestino, contra a opinião da maioria da direcção do Partido.

A princípio, conseguem alguns resultados; no período de 1934/36, dezenas de sindicatos esquivam-se à ordem de dissolução, conservam-se semi-legalmente e fazem sair de mais de uma dezena de jornais sindicais clandestinos (dos ferroviários, dos metalúrgicos, etc.). Esta corrente era a que estava mais próxima da corrente anarquista; era também a que concebia a resistência ao fascismo por meio de revoltas armadas e atentados.

Bento Golçalves, à frente da maioria do Partido, pronuncia-se pela penetração nos "sindicatos nacionais", criticava o movimento sindical clandestino, mostrando que tinha cada vez menos influência de massas, condenava as aventuras armadas (classificou o 18 de Janeiro como "mais uma Anarquizada") e defendia uma táctica defensiva: Frente Única com a pequena burguesia republicana, aproximação das massas proletárias por meio da luta económica e aproveitamento das organizações legais.

No 72 Congresso da Internacional (onde Bento Golçalves foi em 1935, chefiando a delegação do P.C. Português), Dimitrov apresentou um informe indicando a necessidade dum política de Frente Popular para deter o avanço das ditaduras fascistas.

Foi essa orientação que Bento Gonçalves trouxe para Portugal e que foi adoptada pelo Partido.

A experiência posterior mostrou que esta tática, tal como foi aplicada em Portugal, abriu o caminho às tendências pacifistas e oportunistas da direita dentro do Partido. Se, em vez de se travar a vanguarda proletária, se tivesse canalizado o seu espírito de luta para acções táticas de combate (que ao contrário das revoltas locais, poderiam ter exito), poderia ter-se conjugado a acção pacífica com a acção armada e impulsionado a resistência anti-fascista.

Ao mesmo tempo que condenava as aventuras armadas, o Partido começou a afastar-se da perspectiva da conquista do poder e a decair no oportunismo.

8. Aos golpes que sofre o movimento operário com o esmagamento das revoltas de 1934 e 1936, juntam-se os golpes sobre o Partido; ao chegar do 7º Congresso da I.C., Bento Gonçalves é preso juntamente com José de Sousa e Júlio Fogaça (1935); em Setembro de 1936 abre o campo do Tarrafal para onde são enviados 150 militantes operários, entre eles Bento Gonçalves, Militão Ribeiro, Sérgio Vilarigues, o dirigente anarquista Mário Castelhana, muitos marinheiros.

O Partido cuja estrutura clandestina era frágil, pois assentava só no Secretariado e nas tipografias, fica momentaneamente desorganizado. Em 1936, recompõe-se o Secretariado, com José Gregório, Manuel Guedes (que se evadira do tribunal quando era julgado), Pires Jorge e Álvaro Cunhal (estudante, dirigente da Juventude Comunista). Este Secretariado é destruído por novas prisões, outro lhe sucede que é também destruído. Os métodos de trabalho clandestino tinham-se atrasado em relação ao trabalho aperfeiçoado da polícia.

A organização do Partido mantinha-se, embora abalada, na região de Lisboa e Alentejo, além de se começar a estender aos estudantes. Fazia-se uma intensa agitação política, em ligação com a guerra de Espanha; o "Avante" publicava semanalmente 10 mil exemplares, recorde que não voltou a ser batido.

9. O período de 1936-40 é aquele em que o movimento de massas atinge o seu ponto mais baixo, devido à derrota das acções armadas, à dispersão da vanguarda proletária pelas prisões, pela deportação e pelo exílio, e também a uma certa estabilização do nível de vida das massas trabalhadoras, que haviam sentido duramente a crise de desemprego, de 1930-33.

É de referir que bastantes trabalhadores comunistas e anarquistas combateram em Espanha contra o fascismo e alguns lá deram a vida. Estiveram nesta época em Espanha Manuel Guedes, J. Pires Jorge (preso pelos franquistas e entregue ao governo português, cumpriu três anos em Angra) e Álvaro Cunhal.

Os sucessivos golpes no Secretariado (foram presos Francisco Miguel, ao regressar da União Soviética, Alberto Araújo e outros) acabaram por desorganizar a direcção do Partido. Em 1939 a direcção do Partido composta por elementos que não tinham a confiança do proletariado, muitos deles intelectuais sem experiência nem capacidade política; deram-se casos graves de infiltração de provocadores e aventureiros no aparelho clandestino do Partido. A direcção não orienta a luta prática, envolve-se em discussões e intrigas. O nível político da imprensa baixa. O Partido tende a transformar-se num agrupamento radical pequeno-burguês sem verdadeiro cunho proletário revolucionário. Por fim, a Internacional corta as relações com o P.C. Português, por a direcção deste não lhe merecer confiança. 1939 é um dos pontos mais baixos do movimento operário português.

10. Características deste período - O movimento operário é surpreendido pela reacção fascista da burguesia no momento em que a corrente anarquista entrava em declínio e quando a corrente comunista ainda não ganhara raízes nem amadurecera ideologicamente. A resistência ao fascismo trava-se sob uma aguda luta de tendências no interior do proletariado. Sob a repressão cada vez mais apertada da polícia, a vanguarda do proletariado desgasta as energias em acções desencontradas, sem uma linha comum, oscilando do aventureirismo ao oportunismo de direita, e quebrando os laços com as largas massas.

Depois de, sob a direcção de Bento Gonçalves, ter formado um núcleo militante (J. Gregório, Pires Jorge, Fogaça, Cunhal) o Partido mergulha numa grave crise.

(4) O MOVIMENTO DA GUERRA E O SEU DECLÍNIO (1940-55)

1. A partir de 1940, sob o impulso da guerra mundial, a economia anima-se devido à exportação (minério, conservas, têxteis, alimentares, produtos coloniais manufacturados diversos). A classe operária começa a crescer nas regiões de Lisboa e Porto, muitos milhares de camponeses pobres entram nas fábricas.

A exploração capitalista acentua-se brutalmente: intensificação do ritmo de trabalho, horas extraordinárias obrigatórias, carestia, especulação, racionamento. A partir de 1941, o movimento da massa do proletariado entra em impetuosa ascensão (primeiro no campo económico, também depois no político), envolvendo centenas de milhares de trabalhadores que até aí tinham estado à margem da luta de classe. Este ascenso, que está ligado à reorganização do Partido, marca um período importante no movimento operário português.

2. O movimento grevista de 1942-47 é uma das experiências mais brilhantes do movimento operário, que educa e une grandes massas proletárias, mostrando-lhes a ligação entre os capitalistas e o aparelho de Estado; as greves formam e revelam militantes operários, como Alfredo Dinis (Alex), morto pela polícia em Julho 45.

As principais greves deste período são:

(1) greve de 20 mil operários de Lisboa, em Nov. 1942, semi-espontânea, que colhe o governo de surpresa e obtém uma vitória parcial; (2) greve de 50 mil operários da região de Lisboa e Almada, acompanhada por S. João da Madeira, inteiramente organizada pelo Partido (Julho de 1943); uma das maiores greves registadas em Portugal; manifestações e choques com a polícia; o governo encerra as fábricas, faz centenas de prisões, controla a readmissão do pessoal, a greve é derrotada; (3) greve da zona de Alhandra, apoiada pelos operários agrícolas da região de Lisboa, com comícios, forte repressão (Maio de 1944); (4) greves no Alentejo e Ribatejo pelas ceifas, envolvendo dezenas de milhares de operários agrícolas, geralmente vitoriosas (1944-45-46?); (5) greve dos tecelões da Covilhã, em Janeiro de 1946, com manifestações, forte repressão, derrotada; (6) greve dos mineiros de S. Pedro da Cova 1946; (7) greve do estaleiro naval de Lisboa, que não se consegue fazer alastrar ao resto da cidade, dezenas de operários deportados para Tarrafal, Abril 1947.

3. Estimulados pelo movimento grevista e nele apoiados, grossos contingentes proletários atiram-se à luta económica, aproveitando todos os meios legais; a tendência persistente de boicotar os "Sindicatos nacionais" inverte-se e, desde 1941, desenha-se um grande movimento de massa para a penetração nos sindicatos-fantoches, em seguimento das consignas do Partido; os êxitos conseguidos em poucos anos permitem que em 1946 e 1948 se trave uma luta generalizada pela conquista das direcções dos SN e pela expulsão dos rafeiros do patronato nelas instalados; dezenas de direcções sindicais ficam sob controle dos trabalhadores, embora por pouco tempo.

Generaliza-se também por esta altura a formação de comissões de fábrica semi-legais ("comissões de unidade") que servem de apoio orgânico às petições, concentrações e paralizações contra a exploração.

4. A amnistia dos Centenários, em 1940, trouxe do Tarrafal e de Angra militantes destacados, como Júlio Fogça, Sérgio Vilarigues, Pedro Soares, Américo de Sousa, Pires Jorge, que se juntam a José Gregório e outros entretanto soltos por terem cumprido as suas penas, como L. Guedes e A. Cunhal, e ainda os novos militantes operários surgidos nas organizações locais, como António Dias Lourenço, lançando-se à reorganização do Partido e criando um novo Comité Central.

Nos anos 1940-41 a nova e a velha direcção do Partido, cada uma publicando o seu "Avante", disputam o controle da organização e a influência sobre a classe operária, mas em breve o grupo pequeno-burguês de Cansado Gonçalves e Velez Grilo se desarticula e o Partido fica reunificado.

No curto espaço de três anos (1940-43) o Partido é reconstituído em moldes leninistas: a direcção colectiva, disciplina firme, rigor conspirativo, corpo de militantes profissionais que se alarga progressivamente. Apesar de alguns golpes da polícia (prisões de Fogça, P. Soares, Pires Jorge), o aparelho clandestino ganha estabilidade e continuidade, permitindo um largo trabalho de agitação e propaganda. Existem bastantes militantes de origem burguesa (Cunhal, Fogça, Soares, Cândida Ventura, etc.) mas que adquirem o estilo proletário de disciplina, firmeza e realização prática. O Secretariado é constituído por Manuel Guedes, José Gregório e Álvaro Cunhal (que estivera no Congresso da Juventude Comunista em Moscovo, tivera um porte exemplar quando preso, e sobretudo se destacava rapidamente pela sua capacidade política).

O "Avante sai com regularidade, popularizando a linha do Partido, noticiando as vitórias do exército vermelho da URSS contra o nazismo, divulgando as experiências da acção operária nas várias regiões do país. O "Militante", criado em 1935, começa pela primeira vez a ser auxiliar do trabalho de organização.

5. A reorganização do Partido cumpre no 1º Congresso ilegal (1943) que é verdadeiramente o primeiro congresso desde a fundação do Partido. Cunhal apresenta o informe político, Guedes e Gregório apresentam informes sobre organização e de fesa conspirativa.

O informe político estuda as experiências do movimento de massas e sobre tudo da greve de Julho de 1943, defendendo a formação duma Frente Única Operária através da acção de massas; passa em revista as forças aliadas do proletariado (chamando a atenção para a ausência de mobilização do campesinato e dos povos coloniais) e formula propostas à burguesia democrática para uma Frente comum contra a ditadura (base para o programa de um governo democrático de Unidade nacional). O Congresso lança um apelo aos operários e camponeses para que desenvolvam a acção de massas contra a ditadura.

No seguimento do Congresso, o Partido obtém duas vitórias importantes: criação do MUNAF - Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista (Dez. 1943), organização clandestina onde colabora com os grupos da burguesia liberal; e o lançamento dos GAC (Grupos Anti-Fascistas de Combate), em princípios de 1944, que representam a primeira tentativa do Partido para organizar a acção táctica armada contra a ditadura.

Após o 1º Congresso, os efectivos e a influência política do Partido crescem rapidamente nos dois anos seguintes: o Partido funde-se com a vanguarda política proletária e caminha à sua frente; ao mesmo tempo, consegue atrair ao Conselho Nacional do MUNAF praticamente todos os pequenos agrupamentos republicanos, socialistas, etc.

No conjunto, pode dizer-se que o 1º Congresso ilegal definiu uma linha correcta para a acção táctica; o seu erro foi ter descurado completamente a perspectiva estratégica da revolução (Cunhal refere-se-lhe de passagem como uma revolução "nacional democrática, primeira etapa da revolução democrática burguesa"); por isso, o Congresso não se demora no estudo do caminho da insurreição armada e da conquista do poder.

6. Entretanto, no Tarrafal (onde as febres e os maus tratos mataram mais de 30 militantes, entre eles o pintor Alfredo Caldeira, do C.C. do Partido, António Guerra, operário da Marinha Grande, Mário Castelhana, anarquista, secretário da CGT, e o próprio Bento Gonçalves, em 1942) prosseguia o debate acerca da linha do Partido e do movimento operário. Bento Gonçalves (num manuscrito mais tarde recuperado) põe em foco a seriedade do trabalho de massa realizado em 1929-35, em contraste com o aventureirismo das acções armadas. Porém, no decurso deste debate, as suas ideias aproximam-se cada vez mais da direita e vem a cair num oportunismo extremo, ao formular a proposta para uma "política nova", que consistia no apoio táctico dos comunistas ao governo de Salazar, no caso de a independência nacional ser ameaçada por um ataque alemão.

As posições de Bento Gonçalves no Tarrafal (assim como, de resto, também a sua defesa perante o Tribunal de Angra) mostram que ele nunca superou inteiramente a mentalidade sindicalista e "economista" da primeira fase da sua actividade e parece nunca ter encarado a tomada do poder como um objectivo político concreto. Militante operário abnegado, organizador do Partido Comunista, Bento Gonçalves deixou contudo em germe as tendências que mais tarde levariam à degeneração do Partido: limitação da iniciativa do proletariado ao terreno económico, pacifismo, oportunismo da direita.

7. Após a morte de Bento Gonçalves, a CCPT (Organização Comunista Prisional do Tarrafal) é dominada por uma corrente ultra-direitista animada pelo principal discípulo de Bento, o antigo estudante Júlio Fogaça, que é apoiado por João Rodrigues, Pedro Soares, Alberto Araújo (?) e mesmo por militantes operários como Manuel Rodrigues da Silva e Francisco Miguel. Em 1944, o CCPI, em cartas dirigidas ao CC do Partido, acusa-o de falta de maleabilidade perante a crise da ditadura provocada pela derrota do fascismo na guerra. Tirando argumento da transição na Itália (onde os reaccionários formaram um governo republicano e procuraram entender-se com os exércitos anglo-americanos), o CCPT propunha que o Partido adoptasse uma política de transição: não a ar inutilmente o espantinho da revolução, retirar a foz e o

partido do "Avante", dedicar todos os esforços à Unidade anti-fascista, entrar em conversações com os políticos burgueses, animar o golpe militar - em resumo, facilitar uma "saída doce" não revolucionária. A "política de transição" não era já simplesmente oportunista - ela tendia a liquidar o Partido como força política independente e a entregar o movimento operário ao controle da burguesia democrática. Como veremos, teve repercussões na linha posterior do Partido.

8. Ao terminar a guerra, sob a influência da derrota do nazismo e das vitórias históricas da URSS, o movimento operário e o movimento da burguesia liberal conjugam-se num vasto movimento nacional anti-fascista. As manifestações do fim da guerra, a petição nacional contra o Tarrafal, a reclamação de Eleições livres, somam do-se ao movimento grevista, obrigam a ditadura, momentaneamente isolada no plano externo a pôr-se na defensiva: Salazar promete eleições livres, tolera a constituição legal do MUD (Movimento de Unidade Democrática), dá uma amnistia.

Após a formação do MUD em Cut. 1945, o movimento democrático nas cidades toma um carácter de massa. As comissões do MUD e do MUD Juvenil (fund. Julho 1946) organizam legalmente a propaganda contra a ditadura, atraindo à acção anti-fascista grandes massas de empregados, operários, estudantes, elementos da pequena burguesia urbana. Pela primeira vez, a oposição à ditadura manifesta-se numa poderosa Frente Única (de que contudo está ausente o campesinato).

9. O Partido Comunista recolhia o prestígio da sua campanha em defesa da classe operária e em apoio da URSS. Há um largo movimento de adesão ao Partido entre as massas trabalhadoras nas cidades e a intelectualidade. A organização alarga-se nas zonas tradicionais (Lisboa, Outra Banda, Alentejo) e estende-se a regiões novas: Algarve, Oeste, Minho. A expansão do "Avante" acentua-se.

Do Tarrafal regressam em 1945 Militão Ribeiro, Fr. Ligeia, Manuel Rodrigues da Silva, J. Fogaga, P. Soares, João Rodrigues, Alberto Araújo e outros, o que permite reforçar o aparelho clandestino do Partido. Militão Ribeiro, antigo operário textil, que no Brasil se distinguira como militante comunista e que no Tarrafal não alinhara na corrente de "transição", é chamado ao Secretariado. Cria-se uma Comissão Política do C.C. (pouco depois dissolvida) com Cunhal, Gregório, Alfredo Dinis, Vilariques, Pires Jorge, Man. Rodrigues e Manuel Domingues.

O Partido sofre alguns golpes da polícia, que contudo não o afectam gravemente: prisão de Maria Machado numa tipografia clandestina, em 1945; prisões de Fr. Miguel (1947) e Guilherme Carvalho (1946). Militantes comunistas assassinados pela polícia, como Alfredo Dinis, operário, dirigente das greves de Lisboa, Germano Vidigal trabalhador Alentejano (1944?), Ferreira Marquês, empregado de Lisboa (1942?), o médico Ferreira Soares (1943), tornam maior o prestígio do Partido entre o proletariado e as massas populares. O Partido vive o período de maior influência política da sua história.

10. Em 1946, o Partido reúne o seu 2º Congresso ilegal. Alvaro Cunhal apresenta os dois informes principais: político e de organização.

O informe político "O caminho para o derrubamento do fascismo", indica ao Partido a necessidade de multiplicar as acções do proletariado industrial e rural, para tornar possível o levantamento nacional anti-fascista, cujas características contudo não define. No que se refere à política de alianças, o informe dedica grande atenção ao movimento democrático burguês e ao MUD, descurando o problema da mobilização das massas camponesas semi-proletárias, que continuavam à margem na luta de classe.

O informe ataca com vigor a ineficácia das tendências putchistas e legalistas da burguesia liberal, assim como a plataforma de "transição" proposta pela CCPT e as tendências "terroristas" surgidas no Partido e no proletariado. A sua linha geral (depois desenvolvida nos informes de Cunhal às reuniões do C.C., de Outubro 1946 e Junho 1947) consiste em

de todos os anti-fascistas. A Unidade é a garantia da vitória, a divisão seria a derrota. A que nos separa nada é comparado com o que nos une". Calado por esta concepção, Cunhal é naturalmente levado a velar a contradição entre o proletariado e a burguesia liberal no movimento anti-fascista. A luta pelo derrubamento do fascismo não é vista como uma tarefa revolucionária de classe do proletariado, apoiando-se fundamentalmente no campesinato trabalhador e na luta de libertação das colónias e aproveitando a aliança instável da burguesia liberal; é uma luta de "todos os portugueses honrados" (de onde as massas camponesas estão ausentes) e em que compete a todos darem provas de tolerância.

11. Esta linha política leva a uma atitude nova perante o movimento de massas; ele deve ser suficientemente forte para estimular e pressionar a burguesia liberal, mas não tão forte que a assuste e a afaste da luta. Isto reflete-se em diversas posições e resoluções saídas do 2º Congresso ilegal: (a) dissolução das GACs que não chegam a actuar; (b) abandono da "linguagem demasiado de classe" do período de 1941-44; (c) dissolução da Juventude Comunista, substituída pelo MUD Juvenil; (d) necessidade de canalizar o movimento operário para formar exclusivamente pacíficas (Guedes dedica um informe à actividade nos sindicatos-fantoches); (e) esforça para "satisfazer os anseios da pequena burguesia", exigindo que os comités do Partido "se interessem pelos problemas do comércio e da indústria das suas localidades"; (f) concessões aos políticos liberais a fim de manter a Unidade permitindo-lhes apossar-se da direcção do MUD, que se transformam em seu partido político.

12. O informe de organização expõe os princípios de centralismo democrático, até aí mal conhecidos e mal aplicados no Partido. Ao mesmo tempo, dentro das concepções da linha geral da Unidade, lança a palavra de ordem para "um grande Partido nacional" capaz de exprimir as reivindicações não só ao proletariado como das restantes camadas anti-salazaristas. Esbate-se a noção de Partido Comunista como o Estado-maior do proletariado para a revolução, abrem-se as portas do Partido a grande número de elementos pequeno-burgueses e de sectores atrasados do proletariado. A vigilância de classe afrouxa, o cunho proletário revolucionário das fileiras do Partido compromete-se, muitos operários avançados começam a tomar em relação ao Partido uma posição de apoio com reservas. Assim se explica que, no período 1945-49, apesar do ascenso do movimento de massas e dos sucessos orgânicos do Partido, o número de militantes operários formados é mínimo; a organização operária de Lisboa entra em declínio, primeiro lento, depois acelerado.

13. Em resumo: o 2º Congresso ilegal, um dos mais importantes na vida do Partido, representa uma viragem oportunista, sob a direcção de Álvaro Cunhal, anulando as tendências positivas do 1º Congresso. Embora rejeitando a linha liquidacionista da "transição", o Congresso orientou o Partido e o movimento operário no sentido de graves compromissos com a burguesia liberal. A partir do 2º Congresso, acentuam-se os dois pontos fracos do movimento democrático do fim da guerra: (1) as massas trabalhadoras seguem as directivas moderadas e "ordeiras" da Unidade (Eleições livres, Amnistia, abolição da Censura) e não apresentam nas ruas as suas próprias reivindicações revolucionárias (fim da carestia, liquidação da PIDE, demissão do governo, expropriação dos ricos, expulsão dos imperialistas estrangeiros, liberdade para as colónias); (2) o campesinato mantém-se adormecido e à margem da luta política, privado do proletariado do seu único aliado seguro.

14. A partir de 1947, o movimento de massas entra no refluxo. Depois da greve de Abril, o movimento grevista interrompe-se. Em 48, registam-se ainda êxitos nas "eleições sindicais" mas a situação geral é de recuo e os contingentes operários envolvidos na acção económica e política diminuem de mês para mês. Entre as causas deste refluxo podemos apontar: (a) melhorarem ligeiramente as condições de vida dos trabalhadores, pois o movimento grevista obrigou a acabar com o racionamento e a afrouxar a carestia (campanha da "vida barata", 1947); (b) o movimento político (prisões em massa, perseguições aos grevistas, inscritos nas "listas negras" da polícia e dos patrões); (c) as massas trabalhadoras foram para o movimento democrático iludidas acerca da burguesia liberal e confiantes no apoio da Inglaterra e EUA, começando a perder as ilusões a partir de 1947; (d) após a greve de Julho 1943 e as manifestações que a acompanharam, quando a vanguarda operária começou a voltar-se para a violência, o Partido não a orientou nessa via (dissolução dos GACs e campanha contra o "terrorismo") e insistiu pela repetição anual das greves, apesar da experiência mostrar que a arma da greve não podia ser usada sob o fascismo do mesmo modo que sob a democracia burguesa; (e) desligação entre o Partido e vanguarda operária, que presente o oportunismo da linha da Unidade.

15. Depois do fugaz ascenso de 1945-46, o movimento democrático, em vez de se orientar no caminho dos choques armados e da luta pelo poder, desagrega-se e entra em declínio. Os representantes da burguesia liberal que dirigem o MUD são obrigados a abandonar as ilusões na acção legal e nas eleições; perante a onda de represália de princípios de 1947 (demissões de professores e funcionários, incidentes na Universidade, prisões, desarticulação do MUD e MUD Juvenil), os políticos liberais lançam-se no golpe militar (Abril 1947); após o fracasso deste, começam a intrigar nas altas esferas para tentar desagregar o regime, e a hostilizar o Partido e o movimento operário. A Apresentação da candidatura do general Norton de Matos à presidência da República faz-se já em plena crise da Unidade, com o MUD praticamente inexistente e uma aguda luta no interior do MUD.

16. A noção de que o proletariado e o Partido estão a ser utilizados pela burguesia liberal faz surgir no C.C. uma corrente que se esforça por rectificar os erros principais da linha da Unidade.

O "Avante" critica em 1943 os "falsos democratas" e alerta os trabalhadores contra as manobras deste; o Partido tenta disputar (muito tarde) a direcção do MUD e da candidatura aos liberais; são expulsos elementos titistas e social-democratas que formavam a extrema-direita do Partido (Piteira Santos, Mário Soares, António de Sousa, etc.). Por fim, na reunião do C.C., de Janeiro de 1949, Militão Ribeiro critica, embora de modo indirecto, a linha da Unidade: o movimento de democrático deve seguir uma orientação proletária revolucionária, no interesse de todo o povo, e não uma orientação oportunista, favorável à burguesia pequena e média; os comunistas não têm que se prosternar diante dos democratas burgueses mas impulsionar sem limites o movimento de massas. O informe de Militão Ribeiro inicia o período em que a direcção do Partido procura rectificar a linha oportunista do 2º Congresso ilegal.

17. O ano de 1949 é um ano difícil para o movimento operário português. O movimento democrático unitário, em que se tinham posto tantas esperanças, vem a morrer com a desistência da candidatura Norton de Matos; o governo procede tranquilamente à burla eleitoral perante o desinteresse das massas. Logo em seguida, a PIDE aplica um tremendo golpe ao Partido, prendendo A. Cunhal e Militão Ribeiro, membros do Secretariado, e assaltando uma tipografia. O movimento de massas chega a um dos seus pontos mais baixos; apatia, incerteza, desmoralização. A unidade rompe-se, o MUD desaparece, os políticos liberais, os social-democratas e Norton de Matos passam-se para o anti-comunismo. 1949 é também o ano em que Portugal entra no bloco da NATO, consagrando a reabilitação de Salazar perante o bando imperialista americano-inglês. Tudo isto impõe uma revisão à linha geral do Partido elaborada pelo 2º Congresso ilegal. É a tarefa em que se vai lançar o Secretariado, agora encabeçado por José Gregório.

18. A primeira tarefa do Secretariado, contudo, é deter a ofensiva política que ameaça destruir o Partido. Dezenas de militantes clandestinos são engolidos pela repressão nos anos 1949-50; além de A. Cunhal e Militão Ribeiro (este morre na Penitenciária no ano seguinte) Man. Rodrigues da Silva, António Dias Lourenço José Moreira (assassinado na sede da PIDE), José Magro, Joaquim Campino, José Maria do Rosário, Sofia Ferreira, José Martins, etc. Organizações regionais inteiras são destruídas, no Minho, Algarve, Alentejo, Lisboa, Oeste. Muitos elementos que tinham vindo ao Partido na fase de ascenso político, por oportunismo, lançam-se na debandada, aterrados pela repressão; certos militantes responsáveis, ao serem presos, passam-se para o inimigo, como Mário Mesquita, Mendonça, etc. Um membro do C.C. Manuel Domingues, suspeito de espionagem e provocação, é expulso do Partido (aparece morto em seguida).

O Secretariado defendeu o Partido, limpou a organização de elementos inseguros ou incapazes que tinham sido admitidos no período da Unidade e em 1951 acabou por sustentar a ofensiva da polícia. O Partido agora muito reduzido em efectivos e circunscrito à Margem Sul do Tejo, a certas zonas do Alentejo e à região de Lisboa (onde a organização agrária é quase inexistente), está em condições de retomar a acção.

19. O Comité Central do Partido está reduzido a 5 elementos: José Gregório ("Alberto"), J. Pires Jorge ("Gomes"), Manuel Guedes ("Santos"), Júlio Fogaça ("Ramiro") Sérgio Vilarigues ("Amílcar") e um membro suplente, Octávio Pato ("Melo") empregado, que passara à clandestinidade no fim da guerra. Um outro membro suplente do C.C., o escritor Pereira Gomes morre na clandestinidade em 1950. Do antigo aparelho clandestino restavam Américo Sousa, Pedro Soares, João Rodrigues, Cândida Ventura, Manuel da Silva, a que se juntam militantes de formação mais recente, como os operários Mário Serra, J. Gomes dos Santos, José Vitorino, os estudantes Manuel Teixeira, Alexandre Castanheira, Carlos Costa, etc. A direcção do Partido perde em tretanto M. Guedes, preso em 1952.

A necessidade de garantir a unidade do Partido num período difícil e de manter uma elevada vigilância conspirativa e política levam a uma forte centralização do controle e da iniciativa nas mãos do Secretariado. Essa centralização evitou a destruição do Partido; mas, tendo levado por vezes longe de mais a depuração do Partido, tendo sufocado a luta de ideias nos organismos partidários, tendo criado um clima dogmático, o Secretariado veio a entrar a recuperar a recuperação política do Partido e o seu amadurecimento ideológico no período 1951-55.

20. A experiência que o Partido recolhera da linha da Unidade, coincidindo com a intensificação da luta contra o reformismo e o oportunismo de direita do movimento comunista internacional a partir de 1943 (resolução do Cominform contra o stalinismo), levam o Secretariado a conduzir, sob a direcção de J. Gregório e pela primeira vez na vida do Partido, uma campanha sistemática contra as tendências direitistas.

Em 1951 o Secretariado retoma a crítica contra a plataforma da "transição", insistindo no carácter liquidador dessa corrente e exigindo de J. Fogaça, João Rodrigues e outros, novas autocriticas, que são tornadas publicas. Em 1953, é expulso Gilberto de Cliveira, por defender posições direitistas. Em 1954, a 5ª Reunião ampliada do Comité Central destroça uma fracção direitista que se começara a formar no C.C. em torno de J. Rodrigues, com o apoio de Cândida Ventura e "Montes", e cujo objectivo era dissolver o LND (Movimento Nacional Democrático, criado por iniciativa do Partido em 1951) e restabelecer a linha da Unidade. J. Rodrigues é expulso do Partido.

Esta vigilância contra a direita foi contudo comprometida pelo chamamento ao Secretariado de J. Fogaça em 1952, apesar de este ter demonstrado pela sua autocritica que não superara as ideias ultra-oportunistas: fustigando a sua "presunção" e "desconhecimento das condições objectivas", Fogaça em momento nenhum admitiu claramente que o fundo da "política de transição" era entregar o movimento operário ao Partido ao controle político da burguesia liberal. A integração de Fogaça no Secretariado veio a ter consequências graves para o Partido.

21. Na consolidação ideológica do Partido nesta fase desempenharam importante papel as reuniões ampliadas do C.C. A principal é a 5ª Reunião ampliada, em 1954, que aprova o primeiro Projecto Programa do Partido; este projecto, que nunca chegou a transformar-se em programa devido à nova viragem política do Partido em 1955'56, tem uma grande importância: nele o Partido alerta as massas trabalhadoras contra a burguesia liberal, e liga a perspectiva da insurreição popular armada ao estabelecimento da democracia popular, com expropriação do capital financeiro e dos imperialistas. Reforma agrária, independência para as colónias, etc. Ao mesmo tempo a 5ª Reunião ampliada atende às necessidades táticas, propondo uma plataforma de Unidade, em que define as condições em que está disposta a colaborar com os agrupamentos liberais.

No conjunto, as reuniões ampliadas do C.C. lançaram as bases para sanear ideologicamente o Partido. As suas falhas principais foram: (a) não ter feito uma critica sistemática e aberta ao desvio oportunista da ~~linha~~ Unidade; (b) não ter chamado o trabalho camponês ao lugar lhe cabia na actividade do Partido; (c) não ter tratado o emprego da acção armada para a preparação da insurreição; (d) não ter fundamentado a definição da revolução democrática popular numa análise da luta de classe no país. Por essas falhas puderam voltar a infiltrar-se na direcção do Partido as tendências direitistas.

Um Secretariado desenvolveu ainda neste período um esforço para a elevação ideológica do Partido, que contrasta com o praticismo anterior. Contribuiu também para coesionar ideologicamente o Partido a defesa de Álvaro Cunhal perante o tribunal fascista, exaltando o carácter nacional e popular do Partido em confronto com a política de traição da camarilha governante.

22. O Partido lutava com grandes dificuldades para restabelecer a sua ligação com o proletariado: muitos operários perdido a confiança na natureza de classe e nos objectivos do Partido; o movimento de massas atravessava um período de fraca produtividade; o esforço para transformar os "sindicatos nacionais" em órgãos legais da classe operária fora varrido pela onda de prisões, demissões e suborno de dirigentes, que levou a perder as posições conquistadas em 1946-48; por outro lado, o aparelho de vigilância da PIDE nas fábricas tornava-se mais eficaz.

Apesar disso, o Partido esforça-se por conduzir as reivindicações diárias do proletariado, criando lentamente novos focos de organização operária, sobretudo na Cutra Banda. No Alentejo, onde o movimento económico do proletariado rural conhece um ascenso, o Partido populariza de novo "C Camponês", alarga a organização, forma militantes e obtém êxitos políticos, conduzindo as greves das ceifas em 1952, 1953, 1954 (assassinato de Catarina Rufémia).

O Partido restabelece também algumas organizações de empregados e intelectuais; aproveitando o LUD juvenil, recomeça a formação de jovens comunistas, que fora abandonada pelo 2º Congresso ilegal. Mas, a não ser nalgumas zonas do Alentejo, não consegue voltar a estabelecer uma sólida ligação entre o aparelho clandestino e a base proletária. Em Lisboa, centro proletário de largas tradições, as células

do Partido nas fabricas ou não existem ou são pequeníssimos núcleos isolados da massa. Em Almada, Barreiro, Marinha Grande, Covilhã, existem células operárias, mas em geral de fraca vitalidade. O definhamento do Partido como organização operária, a mudança da sua natureza de classe, prossegue lentamente.

23. O aspecto mais saliente na rectificação empreendida pelo Secretariado do consiste em ter procurado chamar as massas populares a uma actividade política independente da burguesia liberal, impulsionandô para isso a criação de organizações progressistas livres da influência de políticos liberais: o MND (Movimento Nacional Democrático) e o Mov. Defesa da Paz, além do MUD juvenil.

A movimentação popular contra as burlas eleitorais de 1951 (a candidatura de Rui Luis Gomes) e de Outubro de 1953 ("eleições de deputados") com uma participação de massas reduzida, faz-se em conflito aberto com os políticos liberais, que tentavam de novo servir-se do Partido e das massas para a sua política de pressão sobre a ditadura.

No apoio à campanha mundial contra a agressão americana na Coreia, contra as armas atómicas e contra o imperialismo americano, o Partido consegue certos exitos, sobretudo na mobilização da juventude. Por fim, em 1954, quando se intensifica a luta pela libertação de Goa, o Partido e o MUD tomam uma posição internacionalista correcta.

24. As dificuldades políticas deste período, caracterizado pela pausa no movimento de massas (e pelo clima internacional de guerra fria) acentuam-se por a direcção do Partido ter cometido alguns sérios erros: (a) atacava os políticos liberais como cúmplices do fascismo e do imperialismo, em vez de mostrar que a sua duplidade reflectia as contradições próprias do capital não-monopolista; com este género de ataques o Partido incapacitou-se para aproveitar as tendências positivas da corrente liberal e neutralizar as suas tendências negativas; (b) pretendia impor ao governo a legalidade do MND, MUDJ e MNDP, sem deixar uma base de massas que o tornas se possível; daí o declínio dessas organizações, varridas por ondas de prisões, tendo a enconchar-se no sectarismo, estrangulados por uma legalidade que não podem impor; (c) pretendeu conduzir a campanha pela Paz à base de recolhas de assinaturas, mocões públicas, etc. como nos países de democracia burguesa, facilitando a repressão e provocando o retraimento dos partidários da Paz; (d) comprometeu as posições do Partido em diversas associações de massas, por pretender forçar os limites da legalidade, sem existir um movimento de massa em que se apoiar.

25. CARACTERISTICAS DESTE PERICLO O desenvolvimento do capitalismo durante a guerra origina um acentuado crescimento do proletariado fabril. A classe operária enriquece a sua experiência de luta sob a ditadura fascista com o movimento grevista de 1942-47, que chama às primeiras filas da luta de classe milhares de trabalhadores.

O Partido Comunista, reconstituído, torna-se o organizador e o dirigente reconhecido do proletariado, e uma importante força política, sob a direcção de A. Cunhal, J. Gregório, etc. Contudo, o movimento democrático da pequena burguesia repercute-se sobre o movimento operário e no interior do Partido, gerando nele uma forte corrente oportunista de direita, representada por A. Cunhal, além da corrente ultra-oportunista e liquidadora da "transição", surgida no Tarrafal. O oportunismo dentro do Partido compromete o seu vigor revolucionário, contém o movimento de massas no plano pacífico, reduzindo-o ao papel de força de pressão e acabando por torná-lo (1948) um apêndice do movimento democrático burguês. Assim, o movimento popular anti-fascista esgota as suas energias em 1948-49 sem chegar a uma confrontação directa com a ditadura.

O refluxo do movimento de massas, os severos golpes policiais sobre o Partido e o rompimento da Unidade anti-fascista provocam uma séria crise no movimento operário. O Partido, sob a direcção de J. Gregório e outros, consegue sobreviver aos assaltos do inimigo e inicia a rectificação do desvio oportunista de direita, embora com vários erros dogmáticos e sectários.

A NOVA ESTRUTURA DO PROLETARIADO

E A DEGENERAÇÃO REFORMISTA DO PARTIDO (1955-56)

1. Depois de 1950, a modernização e concentração capitalista, acelera-se, impulsionada pela penetração do imperialismo. O capitalismo português começa a passar decididamente da indústria manufacturadora para a indústria moderna, assente na maquinaria e no trabalho qualificado (metalurgia, química, material eléctrico, construção naval, automatização da textil, etc.). A classe operária dá novo salto em frente e torna-se a maior classe do país, com um milhão em 1960, dos quais meio milhão (?) trabalham em fábricas médias e grandes.

Este crescimento revoluciona os quadros tradicionais em que evoluía o movimento operário: (1) as zonas industriais são invadidas por grandes massas camponesas, que fazem lentamente a prendizagem da vida diária na fábrica; (2) a "produtividade", o trabalho a prémio e a multiplicação das categorias lançam a concorrência e a divisão sobre os operários; (3) elevam-se os contingentes operários especializados e relativamente bem pagos ("aristocracia operária"), que se tornam focos de reformismo no seio do proletariado; (4) uma massa muito grande de empregados comerciais e de escritório rodeia o proletariado e pressiona-o com o seu nível de vida mais de safogado e com a sua ideologia industrialista pequeno-burguesa. Isto provoca nos centros tradicionais do proletariado avançado (Marinha Grande, Almada, Barreiro, Lisboa Covilhã) uma crise de adaptação e uma certa dispersão da vanguarda operária, que ainda se agrava mais por efeito da viragem direitista no Partido e no movimento comunista internacional.

2. Cerca de 1954, o movimento de massas do proletariado começa a animar-se em torno da luta contra a "campanha da produtividade"; depois de 1957, estende-se a várias regiões a acção operária por aumento de salários, conseguindo cerca de 1959-60 uma actualização de todos os salários. As comissões de fábrica semi-legais, as exposições, as concentrações, as paralisações, são as formas em que se apoia o movimento económico e servem de escola a largas massas operárias inexperientes. A utilização dos "sindicatos" continua a declinar, excepto no Norte que, nesta e noutras formas de acção, começa a despertar para o movimento organizado.

A greve surge geralmente nos sectores proletários/^{que} ainda a não experimentaram (tecedoras da Emp. Fabril do Norte, 1954 (?); salineiros de Alcochete, 1957; pescadores, 1959, 1961; mineiros de Aljustrel, 1961).

Quanto ao proletariado rural do Sul, depois do auge de 1952-54, que o pusera à cabeça do movimento de massas, entra numa fase de menor combatividade, devido ao começo da mecanização nos campos e à emigração para a zona industrial Almada-Barreiro.

3. O Partido reconstituía pouco a pouco a sua direcção central e o seu aparelho clandestino. São presos entre 1953 e 1955, Joaquim Gomes dos Santos, José Vitoriano, Rogério de Carvalho, Pedro Soares, Américo Sousa, Jaime Serra, mas evadem-se sucessivamente Dias Lourenço, P. Soares, J. Gomes dos Santos, Am. Sousa; J. Serra; Guilherme de Carvalho, libertado, reintegra-se na actividade; formam-se alguns novos militantes, entre eles os operários José Carlos e Joaquim Carreira.

Os excessos sectários e dogmáticos eram corrigidos. Apesar da burocratização que invade o aparelho do Partido, separado das grandes massas, este consegue pela condução da luta económica, restabelecer algumas pequenas zonas ~~operárias~~ organizações operárias em Lisboa, Almada, Marinha Grande, no Porto (pela primeira vez). A tiragem do "Avante" volta a aumentar.

O Partido tinha ainda condições para restabelecer os laços com as massas trabalhadoras e retomar a direcção política do movimento operário.

4. Em 1955, José Gregório, membro do Secretariado, é afastado por doença (vem a morrer em 1961 na Checoslováquia sem ter voltado a intervir no trabalho de direcção do Partido). A corrente direitista no C.C., que nunca fora desarticulada, começa a manifestar-se com mais energia. O novo despertar do movimento liberal burguês, as divisões que surgem no campo fascista, a atenuação do clima de "guerra fria", os sintomas de mudança na URSS depois da morte de Stáline (visita de Krutchov e Bulgárine à Jugoslávia em 1955) -, tudo reforça a corrente direitista.

A 6ª Reunião ampliada do C.C., 1955 (informe político de Vilarigues, inf. de organização de Pires Jorge) é realizada sob o tema da luta contra o sectarismo, pela necessidade de uma larga acção de massas e do aproveitamento das associações legais. Mas, atacando em bloco a linha política seguida desde 1950, fazendo silêncio sobre o projecto do Programa, descurando a vigilância sobre os liberais, levantando de novo o objectivo da "unidade de todos os anti-salazaristas sem distinção", a 6ª Reunião ampliada é um primeiro passo para a direita.

5. Em Fev. 1956 realiza-se o 20º Congresso do PCUS. A corrente direitista no C.C. acolhe com entusiasmo as novas teses que não só a reabilitam completamente como lhe vêm dar grande autoridade (linha geral da coexistência pacífica, possibilidade de passagem pacífica e parlamentar ao socialismo, unidade com os social-democratas, condenação do "culto da personalidade" de Stáline).

A viragem direitista que se desenhava, precipita-se. Em Abril de 1956, o CC do Partido, lança um manifesto proclamando a "possibilidade de solução pacífica do problema político português". A tese da "solução pacífica" era lançada para estimular o movimento liberal burguês e explorar as divisões no campo fascista, com vistas às "eleições" que se aproximavam. Com a "solução pacífica", o Partido priva o proletariado e as massas populares da perspectiva da insurreição armada, esperando em troca facilitar a desagregação da ditadura e a liberalização do Estado burguês. Isto equiva le em por em prática a "política de transição", proposta em 1944.

6. Fogaça e Pedro Soares, na carta ao C.C., de Maio de 1956, consideram a viragem insuficiente e propõem: (a) que o Partido trabalhe por organizar a classe operária dentro dos "sindicatos" (tornar-se-ia assim uma força de pressão eficaz, sem ameaçar subverter a ordem); (b) que o Partido cesse os ataques em bloco à Assembleia Nacional, Legião, e outros órgãos fascistas, de modo a facilitar a decomposição destes; (c) que o Partido declare a sua disposição de disputar as "eleições" em quaisquer condições, para assim estimular os descontentes a lançarem-se na luta "eleitoral". O C.C. não aprova estas medidas extremas, que acabariam de liquidar a sua influência entre os trabalhadores, mas no movimento para a direita continua a acentuar-se.

No decurso de 1956, alegando a fraquíssima influência do MND e MUD, o C.C. decide a sua dissolução.

.....

.... ao Projecto anterior) e omite todas as questões fundamentais: a via de insurreição anti-fascista, a preparação do proletariado para a conquista do poder, a questão camponesa, o carácter da revolução. O PROGRAMA é um compromisso do Partido em não tentar fazer a revolução e em facilitar a liberalização. Para conservar a influência sobre as massas, o programa defende a nacionalização dos monopólios, a Reforma agrária, a expulsão do imperialismo, e a libertação das colónias, medidas que são impossíveis sem o estabelecimento da ditadura popular.

O informe de organização, de Dias Lourença, e os Estatutos aprovados pelo Congresso animam o liberalismo e as tendências aventureiras em questões de organização, de acordo com a perspectiva da desagregação da ditadura a curto prazo. Seguindo na esteira do 20º Congresso, o C.C., concluiu que tinha havido o "culto" de Bento Gonçalves, o "culto" de Alvaro Cunhal e o "culto" do Secretariado, e fazia pressão para a liberdade de tendências no C.C. Esta corrente liberal e aventureira reflecte-se na composição do congresso, a que são chamados muitos elementos sem experiência nem capacidade política, que vem a causar graves prejuízos ao Partido.

8. A necessidade de multiplicar as acções de massas ao serviço da desagregação do regime leva o Partido a degradar a orientação do movimento de massas. O "Avante", o "Militante", o "Camponês", o "Camponês" e os novos jornais de classe "Corticeiro" e "Textil" fecham a acção operária numa perspectiva económica de tipo sindicalista. Para estimular os trabalhadores exagera-se o alcance real das acções diárias nas fábricas, vêem-se vitórias em toda a parte, ocultam-se as derrotas, abandona-se o estudo objectivo do movimento de massas. Acenando com as vantagens económicas da luta reivindicativa, afastando o proletariado da ideia de que a luta económica vale só como escola primária de união e organização de grandes massas proletárias, de modo a prepará-las para a luta pelo poder, o Partido fomenta as ilusões reformistas entre a classe operária.

A campanha pelo salário mínimo diário de 100\$00 lançada pelo C.C. em 1957 (e depois abandonada pelo seu absurdo) é uma expressão deste esforço para canalizar a acção operária para o campo económico.

Ao mesmo tempo o Partido desenvolve activa campanha para arrastar os trabalhadores aos SN, convencendo-os que aí se podem obter grandes vitórias; tentando vencer a relutância geral, o "Militante" afirma que "os dirigentes sindicais, sendo de origem operária não podem manter-se indiferentes às reclamações dos Trabalhadores" (artigo de Jaime Serra).

9. Os núcleos de operários avançados, que já tinham recebido com hostilidade a linha do 20º Congresso (sobretudo os ataques a Stáline, que para eles personificava a ditadura do proletariado), afrouxam mais ainda os seus laços com o Partido. Sem confiança no Partido, sem uma linha revolucionária, atravessado uma fase de reestruturação do proletariado, a vanguarda operária desorganiza-se e fracciona-se em pequenos grupos, sem uma orientação definida. Na zona de Almada tendem a renascer as tendências anarquistas, como reacção ao oportunismo e ao pacifismo.

O Partido continua, através da sua propaganda anti-fascista e da condução da luta económica a manter ligação com certos sectores operários, mas a sua base desloca-se da vanguarda para as camadas intermédias mais influenciáveis pelas linha reformista. Os activistas na maioria das organizações locais do Partido são agora elementos de origem burguesa ou elementos operários reformistas. Os novos quadros operários rareiam, as células de fábrica não têm vida política e decompõem-se. Os poucos militantes operários promovidos neste período revelam-se como carreiristas e aventureiros que, ao ser presos, se vendem à polícia (J. Marinho, membro do C.C., Amador e José Miguel, suplentes do C.C., Malaquias, Candeias, etc.).

10. A prosperidade dos novos grupos financeiros apoiados na industria e associados ao imperialismo (Champalimaud, B. Português do Atlântico, CUF, Banco Borges) a decadência do latifundismo, a recomposição geral da classe burguesa, provocam a partir de 1955 uma crise de readaptação e instabilidade na burguesia, que se manifesta no movimento democrático dos estudantes e dos ~~conservadores~~ intelectuais (1956-57), na reestruturação da corrente liberal, que forma a Acção Democrato-Social, no aparecimento duma opposição católica (manifestada no Congresso da JCC), nos debates azedos que se travam no congresso da União Nacional (1956) e na Assembleia Nacional, e por fim, na cisão de individualidades do Regime, como o general Humberto Delgado.

À medida que este movimento de opposição burguesa toma corpo, ele desperata, como em 1945-47, uma grande onda de ilusões entre as massas trabalhadoras, que se lançam à acção política, em apoio do movimento de ~~liberalização~~ liberalização; e da maneira ainda mais acentuada do que em 1945-47, a corrente direitista que controla o Partido alinha atrás do movimento democrático-burguês, em vez de ajudar o proletariado a emancipar-se, através da acção, da influência burguesa e a orientar-se no sentido da revolução.

11. A direcção do Partido foi lograda pelos liberais nas "eleições de deputados", de Outubro de 1957; a A.D.S., desinteressada de concorrer, aproveitou a expectativa do Partido para desistir à última hora, impedindo a organização de candidaturas e de quaisquer movimentos de massas. Isto levou o Partido a criticar os liberais e a tentar recuperar um pouco a iniciativa, apresentando a candidatura progressista de Arlindo Vicente às "eleições" presidenciais de 1958.

Entretanto, surgia a candidatura do General Delgado, que, apesar das suas posições conservadoras, desencadeou uma corrente de entusiasmo popular. Centenas de milhares de trabalhadores urbanos e elementos da pequena burguesia eram arrastados pela perspectiva do golpe militar iminente e viam no general o seu salvador. A campanha de propaganda é uma sucessão de grandes manifestações de rua (mesmo nas regiões tradicionalmente afastadas da luta política), que tendem a endurecer perante a repressão.

Ao mesmo tempo, a candidatura de Arlindo Vicente, apesar das suas reivindicações sociais, que lhe deram o apoio dos trabalhadores no Alentejo e Margem Sul, toma uma direcção moderada, hesitante e pacifista, impedindo a coesão da corrente revolucionária do proletariado. O Partido começa de novo a ficar na retaguarda do movimento.

12. Quando os trabalhadores começam a apedrejar a polícia nas ruas (Lisboa, Almada, Aljustrel, Olhão), o Partido não esboça qualquer acção no caminho da violência

Dentro da sua linha de fazer do proletariado a força de pressão.

do movimento, organiza sessões, agitação escrita, comissões, mas não vai além disso. A assembleia operária, que reúne legalmente em Lisboa cerca de 300 delegados operários e formula diversas reivindicações, está muito bem atraso sobre as exigências da situação. O Partido não aproveita a ocasião para formular as reivindicações revolucionárias do proletariado e campesinato, a fim de não prejudicar a Unidade.

A unificação das candidaturas, feita mediante algumas declarações vagamente democráticas de Delgado, reforça a expectativa geral no golpe militar. E quando após a burla eleitoral, o movimento liberal revela a incapacidade revolucionária que lhe é própria e não consegue sequer desencadear o golpe, o Partido fica desarmado e, como única forma de protesto, propõe um dia de luto.

Em Julho, quando se torna evidente que o movimento burguês se malogrou e que o Partido não tem uma linha própria, alguns sectores proletários mais avançados na zona de Almada lançam-se na greve de protesto contra a burla eleitoral; é a primeira greve política sob a ditadura fascista. Mas o apoio tardio e inseguro do Partido, o ambiente geral de derrota entre as massas, levam a greve a extinguir-se sem consequências, depois depois de se ter propagado a algumas fábricas de Alhandra.

13. Na reunião da Comissão Política do C.C. (Agosto de 1958), Jaime Serra apresenta um informe em que procura justificar a linha da "solução pacífica" e os graves erros cometidos pela direcção do Partido nos meses anteriores. Pretende desculpar a expectativa do Partido com o argumento de que, se se tivesse dito antecipadamente as massas que as eleições iam ter uma burla, ter-se-ia cortado o seu entusiasmo; isto confirma que o objectivo do Partido era usar a classe operária como força depressão e não levá-la a tomar direcção consciente do movimento anti-fascista.

Após esta reunião, o Partido fez esforços frenéticos para conjugar de novo o movimento de massas com o movimento liberal burguês, seguindo umas vezes a tática da pressão, outras a do seguidismo; explora o movimento económico, tentando conduzi-lo a greve, mas sem exito, a não ser no Couço, onde os trabalhadores rurais acompanham a greve com acções espontâneas de sabotagem; fomenta a criação dum novo organismo unitário, a Junta Nacional de Libertação (JNL), cuja actividade é reduzida, devido ao afastamento da Acção Democrato-Social (liberais), de momento desinteressada da colaboração com o Partido; lança uma vasta campanha de assinaturas pela demissão de Salazar; apoia o projectado golpe militar de Maio de 1959, para o qual se propõe fornecer combatentes embora não intervenha na sua direcção; agita a ideia duma "jornada nacional pacífica" pela demissão de Salazar, que cai no meio da indiferença popular.

A medida que o movimento de massas decresce, a direcção do Partido accentua a sua dependência para com a opposição burguesa: ora apela para a "união dos portugueses" a fim de "poupar mais sofrimentos ao nosso povo"; ora tenta assustar os grupos burgueses com o espantinho da revolução, caso não actuem rapidamente (manifesto de Julho de 1959); ora pede aos operários que para facilitar a "solução pacífica", dirijam a luta económica principalmente contra o governo e não contra os capitalistas. (artigo de Dias Lourenço, "Acerca da solução pacífica", "Militante", 1959).

14. O Partido decompõe-se também no campo organico. As organizações operárias locais esboçadas no decurso da agitação política ~~desagregam-se~~ desagregam-se logo que os operários se apercebiam da politica de colaboração de classe e de pacifismo seguida pelo Partido. Os sectores operários que permanecem ligados ao Partido são os que estão mais amarrados às tendências reformistas.

Aventureiros e carreiristas sem consciência de classe são chamados a cargos responsáveis apenas porque são de origem operária, para darem crédito ao Partido entre os trabalhadores (Marinho, Amador, José Miguel, etc.). O Secretariado, a confusão ideológica, a tolerância nas correntes e grupos, o liberalismo, a anarquia e as rivalidades pessoais criam o perigo de cisão eminente no C.C. O partido clandestino torna-se mais vulnerável à medida que o rigor conspirativo de dilui. A traição J. Martinho provoca a prisão de Jaime Serra, Joaquim Pedro Soares, a perda duma tipografia, etc. (Dez. 1958) São também presos Guilherme Carvalho, Alda Nogueira, Sofia ~~Rexxixx~~, Ferreira, Rogério Inglês, etc. (Blanqui Teixeira, preso em 1957 evade-se no ano seguinte). O Partido corre o risco de se desagregar novamente.

15. A evasão de Penóche (Jan. 1960) restabelece temporariamente a situação do Partido, reintegrando um grupo de dirigentes, entre os quais sobressai A. Cunhal, e que inclui J. Serra, Joaquim Gomes, P. Soares, Guilherme Carvalho. O prestígio de Cunhal, após de 11 anos de prisão, a autoridade que resulta de não ter estado envolvido na linha ultra-direitista, permitem-lhe conduzir um trabalho de consolidação do aparelho dirigente em risco de desagregação: põe termo às tendências fraccionistas e liberais no C.C., restabelece a autoridade do Secretariado, impulsiona o retorno às normas do centralismo democrático. (Relatório "A tendência anarco-liberal no trabalho de direcção", aprovado na reunião do C.C., de Dez. 1960). No trabalho "Enfrentamentos duma série de trações", critica a invasão do carreirismo e o liberalismo na promoção dos quadros, e defende um revigoramento da firmeza na PIDE.

Apesar de sofrer em 1960 três baixas no quadro dirigente (Francisco Miguel J. Fogaça e Cândida Ventura), e uma outra em princípio de 1961 (Guilherme Carvalho) o Partido recupera a unidade da direcção e alarga a capacidade política. Para isso contribui principalmente a rectificação da linha política, conduzida por Cunhal.

16. A reunião do C.C., de Março de 1961, aprova o relatório de Cunhal sobre "O desvio de direita nos anos 1956-59" e uma declaração política restabelecendo a linha do levantamento nacional. Elege também Alvaro Cunhal secretário-geral do Partido.

O relatório sobre o "desvio de direita" critica a sucessão de cedências e desvios ultra-direitistas de 1956-59 expressos na linha "solução pacífica", e nomeadamente, a crecha na desagregação do regime, a expectativa no putenismo, a consigna da "jornada nacional pacífica" o ultracoportunismo sindical; mostra que a linha da "solução pacífica" era uma reedição da "política de transição" condenada pelo 2º Congresso ilegal e acusa-a de por o movimento operário ao serviço da burguesia oposicionista; critica além disso publicamente Fogaça e P. Soares (de forma bastante moderada e conservando-os no C.C. Fogaça é expulso pouco depois por questões morais).

A declaração política condena o pacifismo e as "tendências terroristas" como igualmente prejudiciais ao movimento democrático e define o levantamento nacional como a conjugação da acção patriotas com o movimento de massas "em que uma greve geral política poderá ter importante papel".

A reunião de Março de 1961 põe termo ao aventureirismo ultra-oportunista de 1956-59, que ameaçava liquidar a influência do Partido. Contudo ela está muito longe de ser uma viragem no sentido do ~~maximo~~ marxismo-leninismo e da defesa dos interesses revolucionários da classe operária. Nenhum dos problemas vitais do Partido é abordado: restabelecimento da ligação com o proletariado, questão camponesa, deturpação do carácter da revolução, preparação das massas populares para a insurreição anti-fascista, aliança de combate com os povos das colónias.

A reunião tem mesmo um carácter direitista acentuado que condena as tendências para a violência que começam a esboçar-se nas massas. Na realidade a rectificação política de 1960-61 visa restabelecer a plena capacidade de mobilização de massas do Partido, para poder exercer uma pressão mais eficaz sobre a burguesia liberal, mas nada contém que permita ao Partido retomar o seu lugar de direcção revolucionária do proletariado. A rectificação de 60-61 é um reajustamento de tática ao serviço da política reformista.

17. O facto de direcção do Partido condena o pacifismo e o oportunismo e de afirmar a perspectiva geral do levantamento armado, põe em marcha forças sãs existentes no Partido e obriga a retirar temporariamente os elementos direitistas. Em certos sectores operários estabelece-se a ideia de que o Partido vai enveredar por um caminho revolucionário; há um movimento de aproximação do Partido; elementos de tomam a iniciativa de executar um traidor (J. Miguel, 1961)

No aparelho dirigente forma-se um movimento entre os elementos mais jovens de aproximação do marxismo: estudo da luta de classes e do carácter da revolução, estudo da questão camponesa, crítica à política de aliança operário-burguesa, combate ao praticismo; é editado o "Manifesto Comunista" e outros textos; prepara-se a reconstituição da Juventude Comunista, sob a direcção de Carlos Costa. No esforço para encontrar as raízes do desvio-ultra-oportunista de 1955-59, certos elementos como Francisco Rodrigues, começaram a pôr em causa a linha tradicional da "Unidade".

Mas esta corrente que começava a esboçar-se, não tem continuidade. Alvaro Cunhal e o grupo dirigente que o cerca (em que se destacam Bires Jorge, Octávio Pato, Sérgio Vilarigues, Dias Lourenço, Blanqui Teixeira, Joaquim Gomes, Alexandre Costanheira) após terem pago o tributo à esquerda e recuperado o crédito, recomeçam a política de direita.

19. A linha política é dominada por um novo esforço de Unidade, com vistas

às "eleições de deputados". A linha de 1956-59, dirigida para a atracção dos fascistas descontentes, tinha levado o Partido a descurar a aliança com a ADS; Cunhal procura reconstituir um organismo ~~unitário~~ unitário com os liberais, reatando a tradição do MUD e para isso toma diversas iniciativas: publicação de documentos apelando para a Unidade, entre eles, "Unidade, tarefa central da hora actual"; orientação do Partido para conversações em todos os escalões com os políticos liberais (Maio de 1961), reconciliação com elementos titistas e social-democratas, como Piteira Santos, que servem de intermediários na aproximação com os liberais; e por fim, criação da Junta Patriótica (1961)

O seguimento mais uma vez coloca o Partido à mercê dos políticos liberais, pouco interessados na apresentação de candidaturas por recearem que desencadeiem acções de massas. Perante a ameaça de se repetir uma situação semelhante à de 1957, a direcção do Partido procura apressadamente retomar a iniciativa (reunião do C.C. em Set. 1961) e consegue a apresentação de candidaturas para as "eleições de deputados" nos distritos; contudo, nenhuma crítica é feita à continuação do oportunismo da direita.

20. Entretanto a corrente revisionista internacional chefiada pelos dirigentes da URSS, abria fogo contra a oposição marxista-leninista do P.C. da China e do P. de Trabalho da Albânia (reunião de Bucareste, Junho de 1960); iniciava-se uma ofensiva direitista em grande escala no movimento comunista internacional.

Correspondendo às pressões revisionistas, Cunhal faz publicar o documento "Três problemas da actualidade" (Agosto de 1960), no qual critica o "bonapartismo daqueles que querem fazer triunfar a revolução por meio da guerra", numa alusão ao P.C. da China que não é compreendida, porque então se desconhecia ainda em Portugal a situação no movimento comunista. Também desde 1960, Cunhal começa a multiplicar os alertas contra o "esquerdismo" (artigo no "Militante") e contra o "Terrorismo" (após um quarto de século de acção puramente pacífica contra a ditadura e sucessivos desvios direitistas).

Em 1961 a pressão revisionista internacional intensifica-se. O acolhimento na URSS e nos partidos europeus ao relatório sobre "O desvio da direita nos anos 1956-59" é mais do que reservado: a revista internacional "Problemas" recusa-se a publicá-lo: os dirigentes revisionistas espanhóis, sentindo-se atingidos pela crítica à "jornada nacional pacífica", exigem explicações. A degeneração revisionista de Cunhal (que nesse ano se instala na Europa revisionista) amadurece rapidamente em Set. 1961 apoia as novas teses do 22º Congresso do PCUS ("Estado de todo o povo", "Partido de todo o povo") e ataca publicamente a Albânia socialista.

21. Em Fevereiro 1961 inicia-se a insurreição nacional de Angola; em Agosto de 1960 começara a insurreição na Guiné. As insurreições nacionais nas colónias (que em 1963 se estendem a Moçambique) abrem a crise geral do regime capitalista português, que foi construído e está cimentado sobre a exploração do trabalho escravo. A ditadura atravessa a maior crise política da sua história.

Dá-se um movimento de pânico nos meios da burguesia colonialista. Rebentam divergências nos círculos financeiros quanto à condução da política colonial e um grupo tenta opor-se ao começo da guerra. (Potelho Moniz, Abril). Forças da oposição burguesa no exílio desencadeiam o golpe do "Santa Maria". O Directório democrata-social (ADS) realiza uma importante reunião nacional, lança o "Programa para a democratização da República" e alarga a sua influência política. A agitação alastra nos meios da burguesia oposicionista, entre os estudantes, e, de forma subterrânea, entre as massas trabalhadoras.

22. O começo das insurreições coloniais abriu novas perspectivas revolucionárias ao movimento operário e trouxe novas obrigações ao Partido do proletariado.

A direcção revisionista de Cunhal, ao mesmo tempo que afirma a sua adesão às insurreições nas colónias e lhes reconhece o direito à independência, procura utilizar o movimento de libertação colonial como mais uma força de pressão sobre a burguesia liberal: em Março de 1961, o C.C. define a sua linha na questão colonial com um manifesto "unitário" e moderado, em que apaga a importância das insurreições armadas; a direcção do Partido hesita em trabalhar pela subversão do exército fascista e toma posições ambíguas numa série de questões (organização militar, agitação contra a guerra, deserções, sabotagem); o esforço para em comunidade da Junta Patriótica condenando o terrorismo de brancos e negros ("Tribuna livre", Set. 1961).

O desejo de prestar solidariedade aos povos das colónias sem assustar a burguesia liberal nem por em causa a Unidade, leva a direcção do Partido a declarações humanitárias e à expectativa em face dos massacres. Isto acentua a degeneração geral do Partido.

23. A agitação causada pela guerra, a actividade dos grupos de oposição, a confusão e a crise no campo fascista, abrem caminho a poderoso movimento de massas, que estende de Out. 1961 a Maio de 1963, e tem uma grande importância na evolução do movimento operário.

Durante a campanha das "eleições de deputados", muitos elementos, entre eles trabalhadores, aproximam-se do Partido, procurando o apoio do seu aparelho clandestino para actuar organizadamente. As manifestações políticas, iniciadas pelos estudantes de Lisboa, começam a estender-se na população e alastram a várias cidades, culminando na grande manifestação operária de Almada 11 Nov.), ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ em que é morto o operário Candido. Estas manifestações, pouco numerosas e pouco combativas ainda (à excepção da de Almada), têm características novas: ao contrário de 1945-49 e mesmo 1958, elas não seguem a voz de chefes burgueses liberais que se eclipsaram da cena; nalgumas, sobretudo em Almada, as massas começam a reclamar armas para enfrentar a repressão. O movimento dá um grande passo em frente, deixando à sua retaguarda os liberais.

24. Após as manifestações de Outubro-Novembro, os trabalhadores da região de Lisboa, Margem Sul e Alentejo (e mesmo isoladamente no Norte) pressionam o Partido para que organize acções armadas contra a ditadura, procuram armar-se, esboçam sabotagens; este movimento, ainda indeciso, por efeito de um quarto de século de pacifismo é perfeitamente sensível. Como a direcção do Partido não corresponde a esta tendência e se opõe terminantemente a ela, certos grupos operários voltam-se para os meios da nova oposição radical burguesa que se definiu durante as "eleições" e um punhado de operários de Almada-Barreiro (na maioria membros do Partido) acaba por seguir os oficiais no assalto ao quartel de Beja (1 de Janeiro de 1962) prontamente sufocado.

O facto dos operários na prática passarem por cima da direcção do Partido marca uma nova etapa na dissociação entre o Partido e o movimento operário. A participação operária na acção de Beja mostra também que o movimento operário, sem direcção revolucionária própria, corre o risco de, virando costas ao oportunismo de direita, cair sob o controle do aventureirismo pequeno-burguês.

25. A acção de Beja, apesar do seu fracasso, desperta novas energias nas massas trabalhadoras e na pequena burguesia, pelo facto de ser a primeira tentativa armada contra a ditadura, após um intervalo de 25 anos,

Uma grande manifestação política de massas é desencadeada no Porto, ao apelo dos manifestos do Partido e apesar da boicotagem dos chefes republicanos (31 Jan.62). A manifestação de 3 de Março confirma o declínio da influência dos caciques liberais no Porto, cidade que era um seu feudo tradicional.

Em Lisboa após uma campanha de agitação massiva organizada pelo Partido, realiza-se a grande manifestação do 19 de Maio. Uns 50 mil manifestantes ocupam o centro da cidade, gritando "temos fome" e "Abaixo a guerra", e apedrejando a policia. A participação operária não é tão acentuada como na manifestação de Almada; grande massa de jovens (operários, empregados, estudantes) formam o núcleo da manifestação. Há também manifestações noutras cidades.

Quase ao mesmo tempo o proletariado rural alentejano, sob a orientação dos agitadores do Partido, transforma as greves locais das ceifas numa grande greve envolvendo mais de 100 mil trabalhadores, que conquista as 8 horas de trabalho em várias regiões.

Estes dois movimentos são simultaneos com a greve e manifestações de estudantes contra o controle fascista da universidade, que é duramente reprimida, causando grande descontentamento e agitação em certos sectores da burguesia.

Depois disto, o Partido convoca ainda manifestações políticas pelo 3 e 28 de Maio, numa tentativa de prolongar o movimento, mas, à excepção do 28 de Maio em Setúbal a população corresponde em menor escala e o movimento começa a refluir.

26. O Partido organizou e conduziu as manifestações nas cidades e a greve dos camponeses. A manifestação de Novembro em Almada, e a acção de Beja haviam mostra do estar a direcção do Partido a ficar ultrapassada pelas massas, como acontecera aos chefes liberais. Por isso, e apesar do grande golpe policial de Dez. 1961 (prisão de Pires Jorge, Octávio Pato, Carlos Costa, Américo de Sousa) a direcção do Par

tido faz um grande esforço para estabelecer ligações com as massas e canalizar a combatividade popular para sucessivas manifestações, que exerçam uma sobre a burguesia liberal e precipitem o "levantamento".

Esta forma de oportunismo activo (nesse período representado por Dias Lourenço e José Magro, como antes teria sido por Pires Jorge e Octávio Pato) consegue êxitos iniciais, dado que muitos trabalhadores se aproximam do Partido e, confiantes ainda, apesar das jornadas de Novembro-Dezembro, na correcção do direitismo.

Mas cedo se manifesta que a linha do Partido é repetir as manifestações, sem as deixar sair do plano pacífico. Todas as tendências surgidas entre as massas e na base do Partido para organizar a ~~autodefesa~~ autodefesa do 1º de Maio são rejeitadas com o argumento de que as massas recorrerão espontaneamente a acções violentas se o entenderem: assim, não se reúnem armas, não se preparam explosivos, não se treinam brigadas. Os activistas reprimem as iniciativas de base, com receio de serem acusados de "terrorismo" pela direcção. Mesmo a proposta para bloquear as ruas com autocarros para deter as cargas da policia é rejeitada. No Alentejo, tentativas de assalto e sabotagens são reprimidas pelos responsáveis.

Assim a partir de 1º de Maio, as massas recusam-se a continuar as manifestações, em que já não veem objectivo, e o movimento declina mais uma vez sem ter chegado a desenvolver as suas potencialidades. A actividade da direcção do Partido neste período pode definir-se como o esforço para não deixar escapar a direcção do movimento de massas, conservando-o nos limites pacíficos necessários à politica da Unidade.

27. O aparelho clandestino do Partido termina 1961 com um êxito espectacular, a evasão de Caxias de Francisco Miguel, José Magro, Guilherme Carvalho, António Ger-vásio, Domingues Abzantes, Ilídio Esteves logo seguido dum grande golpe policial sobre o Secretariado e o aparelho central: prisão de Pires Jorge, Octávio Pato, Carlos Costa, Américo Sousa, etc., e assassinato de Dias Coelho. Entre as baixas sofridas nos meses seguintes, após as manifestações, avultam as de José Magro e António Dias Lourenço.

A continuidade da direcção é assegurada pelo Secretariado, de A. Cunhal e S. Vilarigues (no exterior) e F. Bãanqui Teixeira, mas o aparelho clandestino central, privado dos seus elementos mais experientes, entra num período de grandes dificuldades, agravadas pela perda de influência política após as manifestações. As últimas bases proletárias com alguma vitalidade, na margem Sul do Tejo e no Alentejo, tendem a dispersar-se lentamente. O recrutamento operário é mínimo, o número de operários de fábrica e de células de fábrica é muito reduzido. Uma campanha de recrutamento conduzida em 1962-63, tem por efeito abrir mais as portas do Partido a elementos de draquíssima consciência de classe, a muitos estudantes, etc. A capacidade politica orgânica e conspirativa do Partido desce regularmente.

28. Depois de ter travado as formas superiores de luta no período de ascenso, a direcção do Partido faz um grande esforço por incentivar a luta económica no período seguinte para se assegurar uma base politica de massas que lhe dê vor activa, para pressionar a burguesia liberal e convencê-la à Unidade, para impedir o reagrupamento dos operários que escapam à sua influência), O "Avante" e os jornais regionais "Corticeiro", "Têxtil" e "Camponês" acentuam a propaganda reformista da luta económica, exagera os resultados das acções desencadeadas, insistem nas formas tradicionais (comissões de unidade, abaixo-assinados, idas aos "Sindicatos") que em muitos casos não correspondem já às exigências dos trabalhadores; em Janeiro de 1963 é lançada larga campanha nacional pela concorrência às "eleições sindicais", tentando fazer reviver o movimento em torno dos SN, mas sem qualquer êxito, dado o desinteresse da classe operária.

Apesar do agravamento da ~~classe operária~~ situação económica provocado pela guerra colonial, a acção das massas é reduzida e dispersa. O movimento grevista continua a não entrar nas fábricas (greves dos pescadores do Algarve e das pedreiras de Pero Pinheiro, 1965). As causas principais desta dispersão são: a grande crise ideológica na vanguarda operária pela expansão do revisionismo à escala internacional o quase desaparecimento das células do Partido e dos activistas operários, que anteriormente organizavam a acção económica nas fábricas, à falta de sindicatos; a aprofundamento do foco entre a vanguarda operária (ela própria desorganizada) e as novas massas ~~operárias~~ proletárias recrutadas no campo. O movimento operário atravessa profunda crise ideológica, politica e organica, pelo facto de não dispor já do seu partido de Classe.

29. Após o movimento de 1961-62, consolida-se a política direitista e completa-se a transformação do Partido num destacamento do movimento revisionista internacional, sob a direcção de A. Cunhal (fixado na Europa revisionista), secundado por S. Vilerigues, Bláncui Teixeira, Alexandre Castanheira, Joaquim Gomes, Jaime Serra, Pedro Soares, Francisco Ligueta.

No plano nacional, o grupo revisionista, aproveitando o prestígio ganho junto da burguesia liberal com as manifestações, consegue desta o acordo para a criação da Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPNL) em Dez. 1962, com a qual espera poder exercer uma pressão mais eficaz para o "levantamento nacional"; na nova onda de ilusões ultra-oportunistas gerados pela FPNL, o C.C., aprova, na sua reunião de Janeiro de 1963, o documento de Cunhal "Perspectivas da luta nacional", onde a política da Unidade e a atracção dos fascistas descontentes tem um lugar absorvente, ao mesmo tempo que se apaga o papel das acções de massas, se combate o "sectarismo" e se abandonam quaisquer reivindicações revolucionárias, o ultra-oportunismo deste documento provoca uma onda de críticas na organização.

No plano internacional, o grupo revisionista apoia a política aventureira e capitulacionista de Khrushchov no caso de Cuba, esforça-se por fazer silêncio em torno da guerra do Vietnam, "para não prejudicar as perspectivas de coexistência pacífica", e envolve-se em ataques cada vez mais abertos e violentos contra a China, a Albânia, e o movimento comunista internacional (intervenção de F. Ligueta no Congresso do Partido revisionista alemão, Janeiro de 1963).

30. C progressos da degeneração revisionista provoca uma corrente no interior do Partido, dirigida contra a "Unidade", contra o pacifismo, pela solidariedade à China e ao movimento marxista-leninista internacional. Da luta de tendências que se trava no Partido em 1962-63 "esquerdistas", "terroristas" e "dogmáticos", entre eles Francisco Rodrigues, do C.C. A pequena envergadura da oposição marxista-leninista neste período pode explicar-se pelo facto de o Partido ter sido gradualmente depurado das tendências revolucionárias desde 1945 e mesmo na fase anterior à linha da Unidade.

O Partido sofre um novo e sério golpe em Maio de 1963 pela traição de R. Verdial, que origina a prisão de Bláncui Teixeira, Guilherme Carvalho, José Carlos, Jorge Araújo, etc. Entretanto, a integração de algumas dezenas de militantes jovens, formados sob a direcção de A. Cunhal, consagra a nova fase do Partido como organização social-democrata e pacifista e elimina os vestígios proletários revolucionários que ainda subsistiam.

31. Entretanto uma crítica revolucionária nas fileiras do Partido, e no movimento comunista internacional, o grupo revisionista dirigente faz um novo passo, ao seu amadurecimento, e procura elaborar uma plataforma "marxista" que sirva de cobertura à sua linha. Essa plataforma é a linha da "revolução democrática nacional", esboçada na reunião de Agosto de 1963 do C.C. e desenvolvida no relatório "Rumo à Vitória" é o mais importante documento teórico do revisionismo português, até à data. Encontram-se aí numerosos slogans revolucionários que a linha da Unidade havia comitado: conquista do poder, ditadura do proletariado, aliança com o campesinato, insurreição, etc. Contudo, para além desses slogans, a "revolução democrática e nacional" define-se com uma linha de liberalização burguesa e um rompimento total do marxismo.

32. "Rumo à Vitória" opõe-se a uma política proletária revolucionária em todas as questões fundamentais: (1) carácter da revolução - nega o carácter dominantemente socialista e proletário da revolução desde a sua etapa actual; inventa a "revolução democrática e nacional", em que atribui um papel revolucionário não só ao proletariado e campesinato trabalhador, mas também à pequena burguesia e a "certos sectores da média burguesia"; (2) conquista do poder - falsifica a análise leninista sobre a conquista do poder político, não definindo que classes assumirão o poder nem o carácter de classe do novo aparelho estatal (conquista do poder pelas "forças democráticas", criando um exército "democrático", uma política "democrática" e uma justiça "democrática"); (3) ditadura do proletariado - elimina a instauração da ditadura sobre as classes exploradas, inventando uma primeira etapa "democrática e nacional", em que o poder será simultaneamente proletário e burguês (poder das "forças democráticas"), passando depois pacificamente ao socialismo, "sem necessidade de nova insurreição"; (4) direcção proletária da revolução - substitui a contradição de classe fundamental proletariado-burguesia pela contradição entre os monopólios e "todo o povo", apagando a luta entre o proletariado e a burguesia liberal, reclama que "se concentre o fogo contra o esquerdismo e sectarismo, perigos principais do momento"; a Unidade é a "tarefa central do Partido"; dá grande destaque à importância da luta

económica; " a utilização dos SN pode vir ainda a tornar-se muito mais importante"; (5) Aliança com o campesinato - entrega a direcção do campesinato médio à burguesia liberal ("elementos geralmente tidos por representantes da intelectualidade, representam social e politicamente as camadas médias do campesinato"); (6) insurreição popular anti-fascista - os trabalhadores não devem armar-se nem criar o seu próprio exército para uma luta prolongada pelo poder; o "levantamento nacional" será fruto dum "momento insurreccional" em que "os militares patriotas têm um importante papel a desempenhar"; combate o "terrorismo" e o "aventureirismo"; "em condições imprevisíveis", é mesmo possível o afastamento da ditadura por meios pacíficos; (7) aliança com os povos coloniais - apaga o papel das insurreições nacionais das colónias, que prejudicam a linha geral da Unidade e da coexistência pacífica; levante reivindicações ultrapassadas e reaccionárias (libertação dos presos políticos das colónias, instauração das liberdades democráticas nas colónias.)

Embora referindo-se secundariamente às questões internacionais, "Rumo à Vitória" confirma as posições tomadas anteriormente: linha geral de coexistência pacífica, ataques à China e ao movimento comunista, apoio ao reformismo e à social democracia.

33. No período de 1964-66, lançada na luta contra as tendências revolucionárias, a direcção revisionista acentuou a sua deslocação para a direita.

Em 1964 lança violenta campanha contra as novas organizações revolucionárias criadas nesse ano, o Comité Marxista-Leninista Português que prepara a reconstrução do Partido Comunista, e a Frente de Acção Popular (FAP), organização popular anti-fascista que se contrapõe à FPLN; na luta contra estas organizações, recorre mesmo à acusação de ~~xxx~~ "provocação" e à denúncia no "Avante" de militantes na clandestinidade.

Por outro lado, em Junho de 1964, o "militante" condena publicamente as organizações regionais de Lisboa, Margem Sul e Alentejo por, na preparação do 1º de Maio, terem tomado iniciativas de autodefesa, realizado sabotagens e reunido armas. O C.C. acentua a sua campanha nas fileiras do Partido contra o "perigo terrorista" e afasta os elementos recalcitantes.

Ao mesmo tempo a direcção compromete-se mais ainda aos olhos dos trabalhadores, ao abandonar todas as reservas e lançar-se numa campanha anti-chinesa declarada, em seguimento dos dirigentes do PCUS:

A FPLN, de que muitos trabalhadores menos conscientes esperavam a intensificação da luta contra a ditadura, desprestigia-se devido à sua inacção e às lutas de prestígio que culminam com o afastamento do general Delgado em Out. 1964.

34. O Congresso do Partido (Set 1965) - aprovou um novo Programa e Estatutos e elegeu um Secretariado composto de A. Cunhal, S. Vilarigues e Manuel Rodrigues da Silva (libertado em 1964). A linha do 6º Congresso é a confirmação da linha reformista de "Rumo à Vitória". Expressões marxistas isoladas e promessas demagógicas (como a expropriação dos monopólios e do capital estrangeiro, a distribuição da terra aos camponeses, a elevação do nível de vida e de cultura das massas) encobrem a oposição a qualquer forma de acção proletária.

A linha real do Programa pode resumir-se nestes pontos: (a) favorecer a liberalização burguesa e embelezá-la sob cores revolucionárias; (b) cortar o caminho à insurreição popular e à ditadura democrática popular amarrar o proletariado à luta económica e ao pessoal de forças de choque na luta política; (c) afastar o proletariado do marxismo-leninismo, impedir a reconstrução do Partido Comunista; (d) manter o campesinato como força de pressão e parcialmente como reserva política da burguesia liberal; (e) procurar manter as revoluções coloniais nos limites favoráveis a liberalização burguesa; (f) opor-se ao movimento revolucionário mundial, favorecer a "coexistência pacífica" e as reformas.

Concluído o seu processo de degeneração, o Partido revisionista chefiado por Álvaro Cunhal rompe os últimos laços que o uniam aos interesses do movimento operário, e transforma-se definitivamente num partido burguês da classe operária, segundo a expressão de Lenine, ou seja, um partido especializado na tarefa de subjugar o proletariado à política burguesa.

35. Características deste período - crescimento e concentração do proletariado a partir de 1950 (que contribuiu para a sua desorganização temporária, pela afluência de novos contingentes e pela mudança de estrutura) está a dar um novo

peso ao movimento operário no conjunto da luta de classe.

Desde 1956, a corrente de direita que lutava para controlar o Partido Comunista (e que fora contida no período de 1950-54) consegue grandes progressos apoiada externamente pela irrupção do revisionismo moderno na URCS, e internamente no ascenso do movimento democrático ~~socialista~~ burguês. Os importantes movimentos de massas de 1958 e de 1961-62 obrigam a amadurecer as tendências direitistas, que travam a passagem da luta popular a formas superiores, e se revelam como um instrumento para a utilização do movimento operário ao serviço da libelização burguesa.

Entretanto, o início da grande luta internacional entre a corrente marxista-leninista chefiada pelo P.C. da China e a corrente revisionista moderna chefiada pela direcção do PCUS, reflecte-se sobre o movimento operário português e acelera a degeneração revisionista do grupo dirigente de A. Cunhal. Deixa de existir um Partido Comunista do proletariado português.

(6) O RESSURGIMENTO DA CORRENTE COMUNISTA

1. A experiência dos movimentos de 1961-62 e a luta de princípios no movimento comunista internacional activam em diversos sectores operários a reacção contra o pacifismo, o oportunismo e o reformismo. Dentro e fora do Partido dão-se tentativas dispersas para encaminhar a luta anti-fascista num sentido revolucionário. Em Abril de 1964, ao mesmo tempo que ~~em~~, em "Rumo à Vitória", negam que existam quaisquer tendências para a violência entre as massas, diversas organizações de base do Partido na Margem Sul, Alentejo e Lisboa tentam organizar actos de sabotagem e secções armadas pelo 1º de Maio. As acções, que têm pequena envergadura, por absoluta falta de experiência, puseram em relevo a necessidade de preparar os militantes para a luta armada; mas o "Militante" de Junho faz uma severa condenação das organizações regionais do Alentejo, Margem Sul e Lisboa, como penetradas de "graves desvios esquerdistas".

Os incidentes do 1º de Maio de 1964 e os ataques públicos da direcção revisionista ao PC da China apressam a dissociação entre a base trabalhadora do Partido e a direcção. As greves de Pero Pinheiro e dos pescadores do Algarve, em 1965, confirmam a tendência dos trabalhadores para passar aos choques com as forças repressivas, apesar da viva oposição da direcção revisionista.

2. A criação do Comité Marxista-Leninista Português (Abril de 1964) inicia o período de ressurgimento da corrente comunista e da luta pela reconstrução do Partido Comunista. No seu órgão "Revolução Popular" o CMLP definiu as bases gerais duma política comunista: (1) a revolução portuguesa é uma revolução socialista, tomando na sua primeira etapa a forma duma revolução democrática popular ou seja, uma revolução dirigida contra a grande burguesia e o imperialismo e realizada através da ditadura dos operários e camponeses; (2) a tarefa essencial dos comunistas é preparar o proletariado em bloco com os camponeses para a luta pelo poder; (3) se o proletariado e as massas populares tomarem a cabeça da luta anti-fascista e recorrerem à violência organizada contra a ditadura, eles abrirão o caminho à democracia popular; (4) todas as camadas da burguesia se opõem em maior ou menor grau à marcha da revolução democrática popular e devem ser neutralizadas; (5) o movimento operário tem que se desembaraçar do direitismo e do revisionismo, da política de Unidade com a burguesia liberal e da linha de "revolução democrática e nacional", ou seja, de esperança na democracia burguesa; (6) os comunistas tem que se reagrupar fora do Partido revisionista, lutar contra a sua influência e reconstruir o Partido Comunista; (7) rompimento aberto com o revisionismo moderno chefiado pela direcção do PCUS, unidade com o PC da China e o movimento marxista-leninista internacional.

3. Em Janeiro de 1964, por iniciativa de um núcleo de comunistas é constituída a Frente de Acção Popular, com o objectivo de reagrupar as tendências revolucionárias anti-fascistas, orientá-las no sentido da democracia popular, servir de elo de ligação entre o Partido Comunista a reconstruir e as largas massas populares. Contra a política dos compromissos pelo todo que caracteriza a FPLN, a

FAP propõe desencadear a iniciativa popular pela conquista das suas reivindicações fundamentais; Liberdade, Paz, Pão, Terra, Independência. O jornal da FAP, "Acção Popular" inicia a agitação da linha revolucionária entre as massas populares e faz a propaganda da luta armada contra a ditadura.

Em Novembro de 1965, os GAPs (Grupos de Acção Popular) da FAP actuam pela primeira vez contra as instalações da policia, por ocasião das "eleições de Deputados", e um informador da PIDE é julgado e executado. A FAP populariza-se rapidamente entre as massas.

4. Até agora, os progressos da corrente marxista-leninista portuguesa e das forças revolucionárias que ela coesiona tem sido lentos e cortados de graves dificuldades. O facto de ter vigorado durante 20 anos quase sem interrupção uma linha reformista na direcção do Partido, que acabou por levar à degeneração deste, aliado ao trabalho de repressão burguesa, levou as forças revolucionárias do proletariado a uma profunda desorganização.

A corrente comunista que forma o CMLP e que serve de eixo à FAP é reduzida e ainda não formou quadros a altura das exigencias. Diversos erros de organização e na escolha de quadros levaram a sérios golpes policiaes sobre o CMLP e a FAP, atrasando o crescimento das tendências revolucionárias.

Após a definição das linhas gerais duma politica comunista (realizada em 1964-65), a principal tarefa dos comunistas portugueses é a ligação ao proletariado, como base da reconstrução do Partido Comunista.

(7) ALGUMAS EXPERIENCIAS DO MOVIMENTO OPERARIO

1. Sem a direcção do Partido Comunista guiado pela teoria marxista-leninista o proletariado não pode libertar-se da exploração capitalista. Os interesses de classe do proletariado exigem a instauração do socialismo e do comunismo, mas esse objectivo só pode ser atingido por uma acção centralizada e consciente, baseada num conhecimento científico da luta de classes, ou seja, por meio dum partido marxista-leninista.

Entregue ao movimento espontâneo, o proletariado tende a encerrar-se no sindicalismo e a oscilar entre o oportunismo de direita e de "esquerda" mesmo em períodos de grande actividade, como o mostra a experiência de 1910-22. Na última década, à medida que tem crescido a dispersão ideologica do proletariado por falta duma direcção revolucionária, essa oscilação manifesta-se de novo com vigor crescente.

Só o Partido Comunista, organizado numa disciplina de ferro, pode coesilar toda a classe em torno do objectivo da ditadura sobre a burguesia e conduzir a luta nesse sentido através duma longa etapa histórica. Com Partido Comunista não há democracia popular, nem socialismo, nem comunismo. Por isso, a reconstrução do Partido destruido pelos revisionistas é a tarefa mais urgente do proletariado português.

2. Toda a actividade do Partido tem de girar em ~~xxxxx~~ torno da luta proletária pela conquista do poder; esta é a razão de existência do Partido. Não basta aceitar "em principio" a ditadura do proletariado, o socialismo e o comunismo; os revisionistas juram-lhes fidelidade mas, alegando que essas metas são ~~longínquas~~ longínquas, encerram o Partido na perspectiva acanhada do dia-a-dia, põem de lado a investigação da luta de classes e a formação teórica, transformam o marxismo-leninismo numa colecção de frases corrente e vazias, arrastam o Partido para o praticismo e o oportunismo e acabam por trocar os objectivos revolucionários por uma linha de reformas. Foi assim que Cunhal e o seu grupo conduziram o Partido à degeneração.

Para garantir que o Partido não se desviará do caminho da revolução é preciso: (1) traçar um plano concreto para a conquista do poder, baseado numa análise marxista-leninista da luta de classes; (2) integrar todas as acções tácticas nesse plano estratégico exigir que todas as tarefas parciais concorram para a meta única da tomada do poder, rejeitar as que não sirvam esse fim, não se deixar desviar pelos episódios da politica burguesa, mas aproveitá-los todos para aproximar a conquista do poder pelo proletariado, falar sempre ao proletariado numa linguagem de classe e revelar em todas as etapas os interesses de classe em jogo.

internacional, de que a revolução só triunfará definitivamente no plano mundial

Os dirigentes oportunistas resumiram o internacionalismo proletário à divulgação dos êxitos da construção nos países socialistas, omitiram as ricas experiências do movimento operário internacional (tanto nos países capitalistas como nos países de ditadura do proletariado), na luta contra as manifestações burguesas no seu seio; o oportunismo, o pacifismo, o reformismo; eles fecharam a luta do proletariado em perspectivas nacionais acanhadas, que tornaram mais ~~facil~~ fácil a propagação da ideologia democrática burguesa; nos últimos anos, passaram-se definitivamente para a propaganda do revisionismo e para a luta contra o movimento revolucionário mundial, fechando completamente as perspectivas da revolução ao proletariado português.

O proletariado português não pode traçar uma estratégia e uma táctica acertadas se não actuar na perspectiva da época actual, a época do imperialismo, das revoluções proletárias e das guerras de libertação nacional; ele não pode marchar à conquista do poder se não se integrar no campo revolucionário conduzido pelo Partido Comunista da China; ele não pode compreender a natureza da classe do revisionismo de Cunhal nem combatê-lo eficazmente se não vir à luz do movimento revisionista internacional. O proletariado português e o seu partido têm que se considerar destacamentos do vasto movimento mundial do proletariado revolucionário.

4. O Partido não pode ser o estado-maior do proletariado para a conquista do poder se não tiver mergulhado dentro da classe operária. O Partido tem que viver diariamente entranhado na vida da classe operária; no mar da luta de Classes, se uma organização não se integra no proletariado, então tende fatalmente a integrar-se noutra classe qualquer, uma vez que não há posições fora das classes. Se os chefes revisionistas puderam fazer degenerar o Partido Comunista Português nos últimos 20 anos sem encontrar uma séria oposição, isso foi devido à separação entre as células do Partido e as massas do proletariado.

Ao reconstruir o Partido, os comunistas devem implantá-lo firmemente nos centros vitais do proletariado, nas grandes concentrações operárias; eles devem também tomar em conta que os novos contingentes operários de formação recente (actualmente muito numerosos) os trabalhadores artesanais e os operários agrícolas oscilam de maneira muito acentuada entre o anarquismo e o reformismo, por lhes faltar uma experiência completa da máquina de exploração capitalista; devem ainda exercer vigilância sobre as camadas da aristocracia operária e impedir que propaguem na classe o reformismo e o individualismo pequeno-burguês.

O afrouxamento dos laços entre o Partido e o proletariado é às vezes inevitável por efeito da repressão ou por outra circunstância; mas os comunistas não são obrigados a trabalhar constantemente para se unirem ao proletariado e para verificarem junto dele a sua linha política.

5. O Partido não pode ser estado-maior do proletariado para a conquista do poder se não for uma organização proletária.

A composição social do Partido reconstituído deve ser continuamente verificada, de modo a assegurar nas fileiras e na direcção uma forte maioria de operários, e sobretudo, de operários de fábrica. Os elementos originários de outras classes devem ser chamados a todos os escalões do Partido, mas só se mostram estar identificados com os interesses do proletariado, só se completarem a sua educação, libertando-se de pontos de vista e privilégios das classes exploradoras.

Devem tomar-se medidas para que os militantes clandestinos e todos os revolucionários profissionais não se desliguem da vida da classe operária, caso contrário, a clandestinidade e a profissionalização ~~podem~~ podem favorecer a degeneração pequeno-burguesa de bons militantes operários, como mostra a experiência dos últimos 20 nos: desligando-se da luta diária do proletariado e do povo, esses militantes perderam a consciência de classe, tornaram-se burocratas e acabaram por cair no reformismo pequeno-burguês e no revisionismo.

6. O Partido tem que usar a acção diária como meio de educação prática do proletariado para a luta pelo poder. A acção de defesa económica, as reivindicações diárias e locais das massas, os objectivos políticos parciais, são importantes como meio de educar e de unir largas massas operárias em torno da vanguarda, e o Partido tem que conduzi-las para se acreditar e se treinar como dirigente do proletariado; nos períodos de derrota ou de estagnação do movimento de massas, as reivindicações parciais podem tornar-se mesmo o centro da actividade política do Partido.

Nas o Partido reconstituído não deverá nunca abandonar a perspectiva de que elas são um meio inferior de educação e união do proletariado e não um fim em si mesmas. Os comunistas devem contrariar e tendência de vastos sectores operários para transformarem o Partido num instrumento de defesa económica (tendência que se torna especialmente acentuada sob a ditadura fascista). Eles devem mostrar como a tática dos oportunistas nos últimos 20 anos, de exagerar o alcance das reivindicações parciais, de inventar uma sucessão infinita de "grandes vitórias" reivindicativas, tem servido para amarrar a classe operária às ilusões reformistas e ao pacifismo, apesar de subjugada por uma rígida ditadura fascista da burguesia.

O Partido reconstituído deverá mostrar em todas as ocasiões que as melhorias conseguidas pelas reivindicações diárias são limitadas e contingentes e que só a tomada do poder libertará o proletariado e todos os trabalhadores.

7. O proletariado só completa a sua educação revolucionária na luta directa pelo poder. Cada vez que o ascenso do movimento de massas leva estas a porem em causa o Estado burguês, o Partido reconstituído deverá orientá-las para a disputa do poder político, rompendo os limites legais e pacíficos; isso é essencial para completar a educação do proletariado mesmo que de momento a luta não conduza à vitória e venha a ser necessário recuar mais tarde para um nível inferior.

Nos últimos 20 anos os direitistas actuaram sempre contra esta orientação a pretexto da luta contra o "terrorismo" e contra as "acções desligadas das massas" eles transformaram a crítica marxista ao aventureirismo anarquista numa caricatura e entravaram o desenvolvimento superior do movimento operário em 1944-45, em 1958 e em 1961-62, tentando convencer os operários a esperarem indefinidamente por um "levantamento" combiado com a burguesia e à escala nacional. Se o movimento de massas não é orientado para a luta pelo poder, ele tende a degenerar numa força de pressão manobrada pela burguesia liberal.

8. O exército revolucionário é, depois do Partido, a exigência mais vital do proletariado. As experiências revolucionárias de muitos países e a experiência da ditadura fascista em Portugal mostram que, na época do imperialismo, a luta pelo poder é prolongada e tende a tomar a forma de guerra civil entre as forças revolucionárias e reaccionárias. O proletariado e as massas populares não podem esperar pela conquista do poder para criar depois o seu exército revolucionário; ele tem que ser constituído antes, gradualmente, no decurso da luta, para tornar possível a conquista do poder. Quanto mais rígido for o aparelho estatal burguês, tanto menos o Partido pode contar sobre a espontaneidade das massas na criação do exército revolucionário; o Partido deve tomar a iniciativa de criar grupos de combate e de guerrilha no decurso dos choques das massas com o poder reaccionário, ajudá-los a sobreviver e a transformá-los em células do exército revolucionário.

Se a energia revolucionária dos operários e camponeses não for orientada para a construção da sua força militar própria, os trabalhadores, sem dislumbrar possibilidades duma luta independente, tendem a esperar a decisão final da sua luta das mãos dos democratas burgueses e cair alternadamente no oportunismo de "esquerda" ou de direita; é o que tem acontecido no movimento operário português.

9. No último meio século, o movimento operário não pode tomar envergadura revolucionária por lhe faltar o apoio do campesinato. Se nos períodos de ascenso do movimento operário, este tivesse encontrado ao seu lado os camponeses pobres em luta pelas suas reivindicações próprias, o apoio mútuo dos operários e dos camponeses teria impedido o movimento de massas no caminho revolucionário e liquidado as tendências reformistas. O adormecimento do movimento camponês e a sua sujeição à burguesia liberal tem sido um dos maiores travões à marcha da revolução em Portugal.

Os oportunistas abandonam o trabalho camponês por o campesinato ser muito menos politizado do que a pequena burguesia ~~xxxxxx~~ urbana; eles esquecem que as reivindicações do campesinato pobre são muito mais profundas do que as da pequena burguesia porque são as únicas, além das do proletariado, que tendem a destruir a estrutura burguesa existente (direito à terra, eliminação do capitalismo intermediário, destruição das autoridades burguesas). Sem o apoio activo do campesinato pobre, o movimento operário não tem forças para triunfar na luta armada revolucionária, tende a procurar a aliança da burguesia liberal, e no esforço para conquistar essa aliança, acaba por se encerrar no quadro das reformas da estrutura burguesa. Essa é também uma experiência do movimento operário em Portugal.

13. Transigir com o direito é preparar a liquidação do Partido. A experiência do Partido Comunista Português confirma inteiramente a experiência do movimento comunista internacional de que pretender salvar a unidade orgânica do Partido à custa de concessões às tendências direitistas só serve para preparar uma crise grave e pode levar à destruição do Partido.

Uma das maiores preocupações dos ~~partidos~~ dirigentes dos direitistas, enquanto não se sentem bastantes fortes, é desarmarem a vigilância de classes contra eles semeando o ~~ed~~etismo ideológico, a pretexto de 2 condições novas e amolecendo a disciplina do Partido (1956-59); e quando alcançam uma posição preponderante no Partido passam pelo contrário a exigir "Unidade" e "disciplina" e exploram o espírito de disciplina do proletariado em seu proveito, expulsando os que se lhe opõem (1961-66).

A transigência com o direito no P.C.P. a subordinação das questões políticas à organização, o amortecimento da luta de ideias em todos os escalões do Partido, o dogmatismo e o praticismo, favoreceram o triunfo do oportunismo e a sua de geração em revisionismo.

A vigilância de classe no interior do Partido contra a direita tem que estar acima de tudo e ser inflexível; há que combater os conciliadores que procuram "manter a unidade do Partido" à custa de compromissos com a direita. O Partido torna-se mais forte e não mais fraco de cada vez que se depura os direitistas.